

MULHERES ARTISTAS

NO ACERVO DA UFES

Ananda Carvalho e Danielly Tintori (org.)
Galeria de Arte Espaço Universitário





Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro

Vice-reitora

Sonia Lopes Victor

Chefe de Gabinete

Gustavo Teixeira Cardoso

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Ananias Francisco Dias Junior, Fátima Maria Silva,
Gleice Pereira, José André Lourenço, Margarete
Sacht Góes, Othon Souto Campos, Paulo Rogerio
Garcez de Moura, Rodrigo de Alvarenga Rosa,
Rogério Borges de Oliveira, Rosana Suemi
Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte, Sergio Lins
de Azevedo Vaz, Telma Elita Juliano Valente

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

Seção de Design

Juliana Braga, Samira Bolonha Gomes

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Ana Paula Rubim,
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,
Maria Augusta Postinghel

Produção Cultural

Déborah Pinto Corrêa

Memória, resgate e empoderamento

Esses três movimentos podem definir a representatividade deste catálogo, que apresenta uma coleção de obras de mulheres artistas preservada no acervo da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), vinculada à Secretaria de Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo. Uma encantadora tradução e uma perene continuidade da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, feita a partir do recorte histórico de um percurso de 35 anos, que projeta as mulheres inseridas na produção da arte contemporânea.

O resgate da história da arte contemporânea produzida por mulheres sai do acervo da Ufes com as suas mais de duas mil obras para ganhar este catálogo. Um trabalho meticuloso, enriquecedor, transformador e inclusivo, pois evidencia o talento e o empoderamento das mulheres na arte, nas suas mais diferentes formas. São obras com múltiplas linguagens que, inevitavelmente, se tornam abrangentes, factuais ou abstratas, mas plenamente perceptíveis ao olhar sobre a condição feminina, proporcionando reflexões que lançam uma luz potente sobre todas as diversidades que nos cercam.

Assim, este catálogo preserva a memória e também constrói canais para a compreensão artística, para a pesquisa e para o ensino da arte, oferecendo sinais vigorosos à construção de necessários diálogos, interações e aprendizados para diferentes gerações. A intenção do respeito à pluralidade e o chamamento às práticas inclusivas na produção artística e na difusão cultural são vetores que impulsionam o lançamento deste catálogo. Trata-se de um projeto em que a Secretaria de Cultura da Ufes e a Gaeu têm o prazer de compartilhar com a sociedade.

Rogério Borges

Secretário de Cultura da Ufes

Sumário

Apresentação: Mulheres Artistas no Acervo da Ufes Ananda Carvalho	10	Marta Baião 72 Juliana Morgado 74 Fayga Ostrower 78 Mara Perpétua 80 Nelma Guimarães 82 Tomie Ohtake 84 Thais Apolinário 88 Rosana Paste 90
Processos de pesquisa e curadoria: Mulheres Artistas no Acervo da Ufes Ananda Carvalho	13	
Histórias das exposições: recorte curatorial	33	
Exposição, obras e artistas: Mulheres Artistas no Acervo da Ufes	41	
Andréa Abreu 44 Charlene Bicalho 46 Elisa Queiroz 48 Márcia Capovilla 50 Simone Guimarães 52 Lara Felipe 56 Tatiana Rosa 58 Thais Graciotti 60 Lygia Pape 64 Nelma Pezzin 66 Denise Pimenta 70		O Setor Educativo da Gaeu: entre o virtual e o presencial na exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes Margarete Sacht Góes Kênia Tinelli
		Possibilidade de mediação e material educativo da/na exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes Danielly Tintori Nascimento Margarete Sacht Góes
		Sobre as autoras
		Ficha técnica
		99
		117
		131
		134



MULHERES ARTISTAS

NO ACERVO DA UFES

Curadoria geral de **Ananda Carvalho**
Curadoria educativa de **Margarete Sacht Góes**

ARTISTAS: Andréa Abreu, Charlene Bicalho, Denise Pimenta, Elisa Queiroz, Fayga Ostrower, Juliana Morgado, Lara Felipe, Lygia Pape, Márcia Capovilla, Mara Perpétua, Marta Baião, Nelma Guimarães, Nelma Pezzin, Rosana Paste, Simone Guimarães, Tatiana Gomes Rosa, Thais Graciotti, Thais Apolinário e Tomie Ohtake.

APRESENTAÇÃO: MULHERES ARTISTAS NO ACERVO DA UFES

É com a seguinte reflexão sobre a ativação da memória e a escrita das histórias que a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes começa a ser pensada: quais são as ausências e as presenças existentes nas mostras apresentadas anteriormente nas duas galerias de arte da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e nas obras que compõem o seu acervo de artes visuais?

Esta exposição exprime o desejo de ativar recordações a partir do momento em que a obra se encontra com o público. Na linha do tempo (página 33), pode-se observar que foram selecionadas algumas mostras de artistas mulheres promovidas pela instituição ao longo de mais de 40 anos. Queríamos contar para o público sobre todas elas, mas foi preciso escolher um recorte. A seleção procurou considerar a presença de artistas espírito-santenses, assim como nomes que são referência para a arte brasileira. Apresenta artistas de repercussão nacional e internacional, como Tomie Ohtake, Lygia Pape e Fayga Ostrower; artistas que são ou foram professoras da Ufes, entre elas Rosana Paste, Márcia Capovilla, Nelma Pezzin e Simone Guimarães; artistas cujas obras trazem uma reflexão sobre a herança cultural negra, entre as quais estão Charlene Bicalho, Tatiana Rosa e Thais Apolinário; artistas que estudaram na Ufes cujo trabalho ganhou repercussão fora do estado, como Juliana Morgado, Lara Felipe, Thais Gracioti e Marta Baião; e artistas importantes na cena cultural do estado do Espírito Santo, entre as quais se destacam Andréa Abreu, Denise Pimenta, Elisa Queiroz, Mara Perpétua e Nelma Guimarães.

Após a escolha das artistas, selecionaram-se as obras entre as presentes no acervo da Ufes, independentemente de terem sido exibidas ou não nas mostras citadas na linha do tempo e eleitas como o primeiro critério curatorial. Essas obras utilizam diversas linguagens, incluindo fotografia, pintura, gravura, objeto, desenho e videoperformance.

Propõe-se, em Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, pensar tais obras de forma rizomática, assim como privilegiar a multiplicidade e a subjetividade das lembranças. Espera-se dar a ver histórias no plural, além de ressaltar a importância de sua constante retomada. Ressalta-se também o desejo de um futuro mais igualitário e faz-se um chamado para que cada vez mais as instituições possam compor seus acervos com trabalhos de mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAP+. Desse modo, busca-se produzir história em diálogo com o presente e provocar a reflexão sobre outras produções e continuidades da circulação da arte contemporânea.

Ananda Carvalho

Curadora e Professora DAV-Ufes



Processos de pesquisa e curadoria: Mulheres Artistas no Acervo da Ufes

Ananda Carvalho

Introdução: o início da pesquisa e o Acervo de Artes Visuais da Ufes¹

Realizar curadoria é pesquisar. Não se trata de escolher quem entra ou não entra: “[...] a pesquisa se impõe como primeira condição de um processo de aquisição e destruição de saberes e verdades” (Lagnado, 2008, p. 14). As práticas curatoriais consistem no estudo aprofundado das produções artísticas, seus arquivos, processos de criação, contextos e na escuta e diálogo com as artistas. Este texto relata como se deu tal pesquisa da curadoria da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, que teve duas versões: uma mostra *on-line* em 2021 e uma presencial em 2023.

No final de 2020, fui convidada pela Secretaria de Cultura (Secult) da Universidade Federal do Espírito Santo a propor uma exposição virtual a partir dos registros fotográficos das obras pertencentes ao acervo da universidade. Estávamos em meio à pandemia causada pelo coronavírus, trabalhando remotamente como modo de prevenção. Foi um momento em que as duas galerias da Ufes, a Galeria de

Arte Espaço Universitário (Gaeu) e a Galeria de Arte e Pesquisa (GAP), assim como os demais espaços expositivos, tiveram que se repensar e identificar entre os dispositivos e ferramentas disponíveis *on-line* outras formas de circulação para a arte, mesmo sabendo da diferença da experiência em um espaço físico. As circunstâncias daquele contexto nos levaram a buscar o que havia de digitalizado no acervo e no arquivo da Gaeu.

Fundada há mais de 40 anos, a Galeria de Arte Espaço Universitário é vinculada à Secult, ligada à Reitoria da Ufes. Tem como missão preservar, documentar, pesquisar e promover a arte contemporânea por meio de exposições de curta duração, individuais ou coletivas, como também realizar a salvaguarda de produções poéticas contemporâneas que enfatizam a história e a memória da universidade e do cenário artístico do Espírito Santo. Almerinda da Silva Lopes (2022, p. 52), em um importante texto sobre a história das galerias da Ufes, afirma que, ao longo dos anos, a Gaeu:

Mostrou-se aberta a todas as tendências e gramáticas visuais — o que explica a realização de mostras de processos tradicionais da pintura naïf, de obras figurativas ou abstratas, de propostas experimentais e conceituais: arte postal, fotografia, vídeo, instalações. Assim, os trabalhos que integram, hoje, o acervo sob a guarda da Gaeu, por um lado, confirmam a diversidade de gramáticas, suportes e materiais e, por outro, permitem acompanhar a transformação e a consolidação da trajetória criativa de alguns artistas capixabas.

O acervo de artes visuais da Ufes possui mais de duas mil obras, datadas de 1940 até a época atual. Cerca de 90 % estão catalogadas e 75 % dispõem de registro fotográfico. Entre os 397 artistas catalogados, 42 % são mulheres, autoras de 37 % das obras. O acervo é constituído por doações de artistas que realizaram exposições nas galerias da universidade e por doações espontâneas tanto de obras individuais quanto de coleções compostas, por exemplo, pelo espólio de artistas falecidos. Criada em 1977, a Gaeu recebe doações desde então. Já a GAP, administrada pelo Centro de Artes, apesar de continuar em funcionamento atualmente, recebeu doações apenas entre 1976, data de sua criação, e 1992.

As galerias em pauta contribuíram e continuam a contribuir para a valorização dos bens simbólicos, para a formação e/ou o aprimoramento do gosto artístico, para dirimir a rejeição e aproximar o público capixaba da arte moderna e contemporânea (Lopes, 2022, p. 92).

A Gaeu possui também um arquivo das exposições realizadas desde a sua fundação, característica rara entre as instituições brasileiras, que em geral não têm recursos financeiros, tecnológicos ou humanos para a realização desse trabalho. Digitalizados e organizados, há materiais como convites, catálogos, fotografias das exposições, reportagens publicadas na imprensa, entre outros documentos.

É importante ressaltar um dado diferencial em comparação a outras instituições públicas. A Gaeu foi coordenada pela mesma pessoa, Neusa Mendes, por mais de 30 anos. No decorrer dos diferentes momentos políticos e financeiros da universidade, a atuação constante da curadora e produtora cultural permitiu que, aos longos dos anos, fosse mantida uma linha curatorial tanto na seleção das exposições realizadas como das obras doadas para o acervo, considerando a missão da instituição, já mencionada neste texto.

¹ Parte deste capítulo foi publicada em: SILVA, Anna Paula da; TINOCO, Bianca Andrade; OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de (org.). Como sonham os acervos? In: COLÓQUIO MUSEALIZAÇÃO DA ARTE, 2., 2022, Salvador. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2023. p. 50-60.

Durante toda sua gestão, Neusa Mendes teve um olhar atento à produção de artistas capixabas, criando intercâmbios com exposições nacionais. Deve-se mencionar também que a professora Rosana Paste atuou como Secretária de Cultura da Ufes e na coordenação da Gaeu de 2002 a 2012, dando continuidade ao trabalho de Neusa Mendes e contribuindo para a consolidação do acervo.

Desse modo, tendo sido o acervo constituído, principalmente, a partir de doações de artistas que participaram de mostras nas galerias — e há a existência de documentos de tais eventos —, a pesquisa curatorial da mostra Mulheres Artistas da Ufes se iniciou com o estudo da história das exposições realizadas na Gaeu. Essa metodologia de trabalho é justificada a seguir, mediante uma reflexão acerca da importância das exposições e dos modos de circulação da arte.

Em exposição: a circulação da arte como constituição do trabalho artístico

Considerando a importância do “valor de exposição” (Benjamin, 1996, p. 173) como critério balizador para a produção do discurso histórico, pode-se constatar, segundo Freire

(1999, p. 35-36), que, “no limite, o valor de exibição quando agregado às coisas é que as torna obras de arte”. O espaço expositivo tem uma gramática, um código, há um modo de estar nesse espaço: desde o modelo do cubo branco às proposições mais experimentais, uma linguagem permeia as histórias das exposições. As pesquisas nessa área começam a ganhar corpo na bibliografia internacional principalmente a partir dos anos 1990, em um contexto de globalização cultural e aumento exponencial das bienais e megaexposições de arte contemporânea (Spricigo, 2016, p. 53).

A História da Arte Moderna convencionalmente se concentrou na produção artística, enfatizando o indivíduo artista no ateliê e as influências em sua prática. As Histórias das Exposições complexificam essa abordagem ao defender o estudo da arte no momento e no contexto em que é tornada pública. As exposições geralmente oferecem à obra de arte seu primeiro contato com o público e, ao fazê-lo, contextualizam-na dentro de narrativas e estruturas discursivas explícitas ou implícitas. Cada decisão sobre a seleção e instalação do trabalho, a escolha e uso do espaço expositivo, a estratégia de *marketing*, divulgação ou comunicação informam nossa compreensão da arte em exibição (Butler *et al.*, 2012, p. 3, tradução própria).

Ou seja, o trabalho de arte está compreendido no campo social, daí a preocupação deste texto (e da proposta curatorial da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes) com a produção histórica e com o contato que os trabalhos estabelecem com a esfera pública. Exposições são, então, o principal meio em que a obra se torna conhecida no sistema da arte. As histórias oferecem “[...] uma perspectiva que sugere o diálogo, mas também o debate e os ruídos entre diferentes versões dos agentes que constroem o tecido histórico” (Cypriano; Oliveira, 2016, p. 9). Por essa perspectiva, ao documentar e organizar certos rastros acerca das exposições ocorridas na Gaeu, o que se busca é uma possibilidade de elaborar aproximações entre as obras de arte e a história das exposições. A partir dessa breve discussão, justifica-se a metodologia curatorial da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, cujos resultados serão apresentados a seguir.

Entre criar visibilidade para o acervo, as histórias das exposições e a prática curatorial

A pesquisa curatorial da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes foi realizada no

final de 2020 e primeiro semestre de 2021 em conjunto com a equipe de estudantes de graduação (Danielly Tintori, Larissa Megre, Ludiane Reinholz, Michele Medina e Phoebe Degobi) e egressos do mestrado (Jessica Dalcolmo, Lília Pessanha e Lindomberto Ferreira Alves), que participavam do projeto de extensão Processos de Criação em Curadoria. Considerando que “a tarefa curatorial deve ser a de produzir saltos epistemológicos que envolvam o conhecimento da arte e os próprios modos de pensá-la” (Herkenhoff, 2008, p. 23), essa mostra exprime o desejo de ativar recordações a partir do momento em que a obra se encontra com o público, ou seja, na exposição. No arquivo da Gaeu, foram consultadas fotografias, matérias publicadas na imprensa, textos curatoriais, convites, projetos expográficos etc. Assim, pôde-se mapear as escolhas recorrentes da curadoria e da gestão da programação promovida pela instituição por mais de 40 anos.

Diante da grande quantidade de arquivos, a curadoria elegeu um recorte, dedicando-se a pesquisar mostras realizadas exclusivamente por artistas mulheres. Essa escolha se manifesta em vista da urgência de repensar a pluralidade da História da Arte brasileira sob perspectivas inclusivas de gênero e raça.

Defende-se aqui a importância das curadorias ativistas, considerando a articulação entre história da arte e contexto sociopolítico.

A curadoria torna concretos argumentos sobre as histórias da arte feministas e suas estratégias; a curadoria constrói certos tipos de narrativas históricas, ou, em alguns casos, intervém em narrativas já existentes (Jones, 2019, p. 365).

Eis a importância de constantemente repensar e questionar o que e como está sendo apresentado nas ações curatoriais, obras e exposições. Nesse contexto, emerge a indagação de como as histórias das exposições realizadas na Gaeu podem ensinar sobre o acervo da universidade e sobre as artistas realizadoras das obras que o compõem.

Dessa forma, Mulheres Artistas no Acervo da Ufes é organizada como uma retrospectiva que abrange cinco décadas, entre os anos 1978 e 2013. A seleção procurou considerar uma presença diversa de artistas espírito-santenses, assim como nomes que são referência para a arte brasileira. Mescla-se obras de artistas que, no momento de sua exposição, estavam em início de carreira com outras cujas trajetórias já estavam consolidadas.

A mostra *on-line* foi materializada por meio de duas perspectivas curatoriais. Na primeira, propõem-se textos (redigidos pela equipe mencionada) e reproduções de documentos a fim de ativar as memórias de exposições. Na segunda, exibem-se fotografias de obras que dispõem desse tipo de registro no acervo da instituição, independentemente se estavam presentes nas referidas mostras. O trabalho curatorial dialoga também com as propostas educativas realizadas pela equipe do Setor Educativo da Gaeu em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (Gepaei), coordenado pela professora Margarete Sacht Góes (conforme será apresentado em outro capítulo deste catálogo).

Com o intuito de contextualizar tal seleção e a relação da curadoria com as histórias das exposições, resume-se, a seguir, cada exposição que funcionou como ferramenta de escolha curatorial, seguindo a ordem em que foram apresentadas na rede social Instagram.

Mulheres Artistas no Acervo da Ufes se inicia pela mostra Horizonte (2013), com a presença das obras de: **Charlene Bicalho, Luara Monteiro, Tatiana Rosa e Thais Apolinário.** Essas são quatro mulheres negras, entre as seis artistas que, até o momento da escrita deste



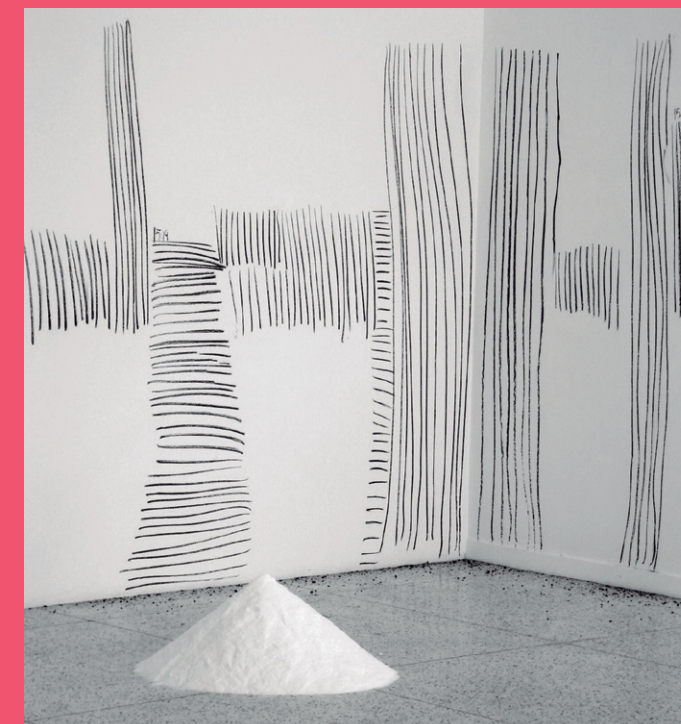
Vista da exposição Horizonte (2013).
Fonte: Arquivo da Galeria de Arte Espaço Universitário.

texto, possuem obras no acervo da Ufes e que identificamos como racializadas. Na época de sua realização, Horizonte marcou os dez anos da Lei 10.639/2003, que tornara “[...] obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, resgatando a importância da herança cultural e social negra na sociedade e nos espaços educacionais” (Megre; Reinholz; Tintori, 2021b). A partir da questão “É o mundo que se organiza para que possamos decodificá-lo ou somos nós que projetamos significado sobre as coisas?”, a mostra propõe “[...] uma reflexão acerca dos processos de construção de identidade individual e coletiva [...]” conduzindo “[...] discussões sobre autoimagem, memórias afetivas e resistência” (Megre; Reinholz; Tintori, 2021b).

Na sequência, os anos 2000 são divididos em duas partes para resgatar exposições individuais de sete artistas capixabas ou residentes no Espírito Santo. **Rosana Paste**, em Quase Mesa, Quase Prata, Quase Tudo (2001), exibe trabalhos que se materializam entre a escultura e a instalação. “Obras em metal, pele de animal e projeções de vídeo compõem uma ambiência que tensiona espacialidade e corporeidade, e junto a elas a expansão das convicções do campo da escultura [...]” (Alves; Degobi, 2021b). Em Proposta em Arte

(2005), **Mara Perpétua** explora gestualidades das “[...] potências contidas no acaso” e “no acontecimento” em desenhos nas paredes e em outras materialidades, que buscam elaborar relações por meio da processualidade e da colaboração entre o espaço da galeria e o público (Alves; Degobi, 2021b). **Thais Graciotti**, em Trocas (2006), ocupa as paredes da galeria com adesivos resultados de uma fotoperformance. “É no registro do simples gesto da troca de roupas, que a artista dá a ver, no âmbito prático, a construção da subjetividade na relação com o outro e com o mundo” (Alves; Degobi, 2021b). **Andréa Abreu**, em Pinturas (2006), constrói grandes paisagens abstratas. “Junto às tintas, a artista entrega-se de corpo inteiro, imprimindo com as mãos e os pés movimentos que [...] testemunham um exercício intensivo com a pintura cuja imprevisibilidade é a única certeza” (Alves; Degobi, 2021b).

Na segunda parte dos anos 2000, encontram-se mais três artistas. **Márcia Capovilla**, em Fotografia (2004), traz uma discussão sobre as características do analógico e do digital. “De filmes negativos convertidos em slides a imagens digitais que, em um olhar poético, perpassam desde o Centro de Vitória até o encontro dos retratos. Tons que variam da



Vistas de exposições de Rosana Paste (2001), Mara Perpétua (2005), Simone Guimarães (2005) e Thais Graciotti (2008).

Fonte: Arquivo da Galeria de Arte Espaço Universitário.

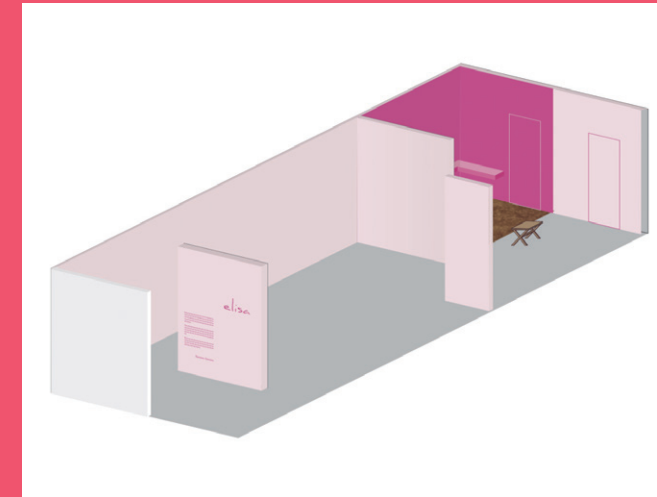
escala de cinza ao colorido. Da paisagem ao humano” (Dalcolmo; Pessanha, 2021b). Reflexões por outra perspectiva sobre a mesma temática emergem em O Olhar Fotográfico, o Olhar de Simone (2005). **Simone Guimarães** “apresenta ao público um mosaico com mais de 1.400 fotografias que criam formas e tomam movimentos no cubo branco da Galeria” (Dalcolmo; Pessanha, 2021b). Por fim, em Pinturas e Desenhos (2008), de **Nelma Pezzin**, observa-se o “[...] transitar das fusões dos materiais” (Dalcolmo; Pessanha, 2021b).

A década de 1990, também dividida em duas partes, retoma as mostras individuais de cinco artistas capixabas ou com atuação no Espírito Santo e de duas artistas com presença nacional e internacional. A partir da vivência do seu próprio corpo, **Elisa Queiroz** elabora Objeto Obeso (1998), provocando uma desconstrução sobre a percepção estética corporal na sociedade ocidental e, por consequência, na arte. “Na ironia de seus materiais, ludicidade de suas formas e sensualidade de suas cores, a obra de Elisa gera um corpo apetitoso de um novo olhar, de uma nova percepção” (Medina, 2021). Já **Lara Felipe**, em uma exposição realizada em 1998, examina uma perspectiva do feminino pelo viés de suas reminiscências. “Objetos e afetos se apresentam pelo espaço

expositivo [...]”, convocando o público a tornar-se confidente da artista (Medina, 2021).

Juliana Morgado apropriou-se da linguagem da publicidade e do *marketing* de produto para apresentar Brain Slicer (1998). Esse título da exposição remetia a um objeto revolucionário, o “fatiador de cérebro”, que ganhou materialidade por meio de caixas, sacolas personalizadas e panfletos explicativos. Tais elementos comunicacionais “[...] ocupa[m] o espaço da Galeria e a torna[m] um ambiente para promoção e comercialização do inusitado objeto proposto” (Medina, 2021). Desenho (1998), de **Célia Ribeiro**, constrói delicadas imagens em papel vegetal, “[...] onde a artista registra cenas do cotidiano. Seu trabalho parte de imagens filmadas para, em seguida, explorar a força da linha e dar a ver o que muitas vezes passa despercebido pelo olho humano” (Medina, 2021).

Já na segunda parte dos anos 1990, **Nelma Guimarães**, em Mostruário (1990), trabalha com diversas linguagens e objetos, passando por camisetas, cadeiras, entre outras materialidades. “Ao conciliar estética com subjetividade [das relações e interpretações], a artista acaba por apresentar um mostruário que abarca acessórios e sentimentos” (Dalcolmo; Pessanha, 2021a).



Expografia da exposição de Elisa Queiroz (1998), crianças visitam a exposição de Lara Felipe (1998), fachada da Gaeu anunciando a exposição de Tomie Ohtake (1995).
Fonte: Arquivo da Galeria de Arte Espaço Universitário.

Em 1995, a Gaeu recebeu uma exposição da artista plástica **Tomie Ohtake** – de origem japonesa e naturalizada brasileira – com vinte gravuras em metal e duas telas em acrílico. A exposição constitui uma itinerância, após uma mostra realizada com a parceria da Ufes para inaugurar a Estação Cultural do Mosteiro Zen Morro da Vargem (Ibiraçu/ES). De acordo com Márcia Branki (1995), em texto para o jornal Informativo Ufes, nas obras expostas “O amarelo, laranja, pérola, preto, cinza, ocre, rosa e azul, impressas em folhas de papel, não se repetem. A forma, cor e textura são únicas”.

Também nos anos 1990, houve a participação da artista **Lygia Pape** em algumas exposições coletivas organizadas pela Secretaria de Produção e Difusão Cultural/Ufes, como na mostra coletiva Papel, exibida na Gaeu em 1995. Havia também uma proposta de exposição individual da artista para exibir Tteia, que não aconteceu. Anteriormente, em junho de 1980, Pape realizara uma mostra individual, intitulada Os Ovos do Vento, na Galeria de Arte e Pesquisa, então sediada na Capela de Santa Luzia, no Centro de Vitória. Relata-se uma memorável instalação em que balões de gás dentro de sacos plásticos ocuparam o espaço expositivo. Especula-se que foi na ocasião dessa exposição que a artista doou obras para a coleção da GAP,

que integra o acervo da Ufes. Considerando a relevância da artista e a presença de duas de suas obras no acervo, justifica-se aqui a sua inclusão na presente curadoria.

Nos anos 1980, destaca-se a exposição de outra importante artista, **Fayga Ostrower**. Uma retrospectiva dos seus 39 anos de carreira ocorreu em 1984, na Gaeu. As obras exibidas naquela ocasião ativam uma expressividade “[...] oriunda do desvio ao figurativo [...] em direção à abstração [...]”, na qual o “[...] seu saber-fazer é arrebatado pelo fascínio com o espaço, bem como com suas inquietações em relação a forma, o equilíbrio, os intervalos, a escala e a cor [...]” (Alves; Degobi, 2021a). O acervo possuía três obras da artista, porém, em 2019, a Gaeu recebeu do Instituto Fayga Ostrower uma doação de 59 gravuras e 11 matrizes, ampliando essa coleção.

Para encerrar, resgata-se a primeira coletiva de artistas mulheres realizada na instituição: Programa Bolsa Arte 78, com a participação de **Denise Rodrigues Pimenta, Marta Baião Seba, Nelma Maria Pezzin, Neusa Mendes e Simone Guimarães**, que possuem obras no acervo da Ufes. Além delas estavam presentes Beatriz Hees Alves, Fernanda Lube Modenesi, Kátia Regina Coimbra Persiano,



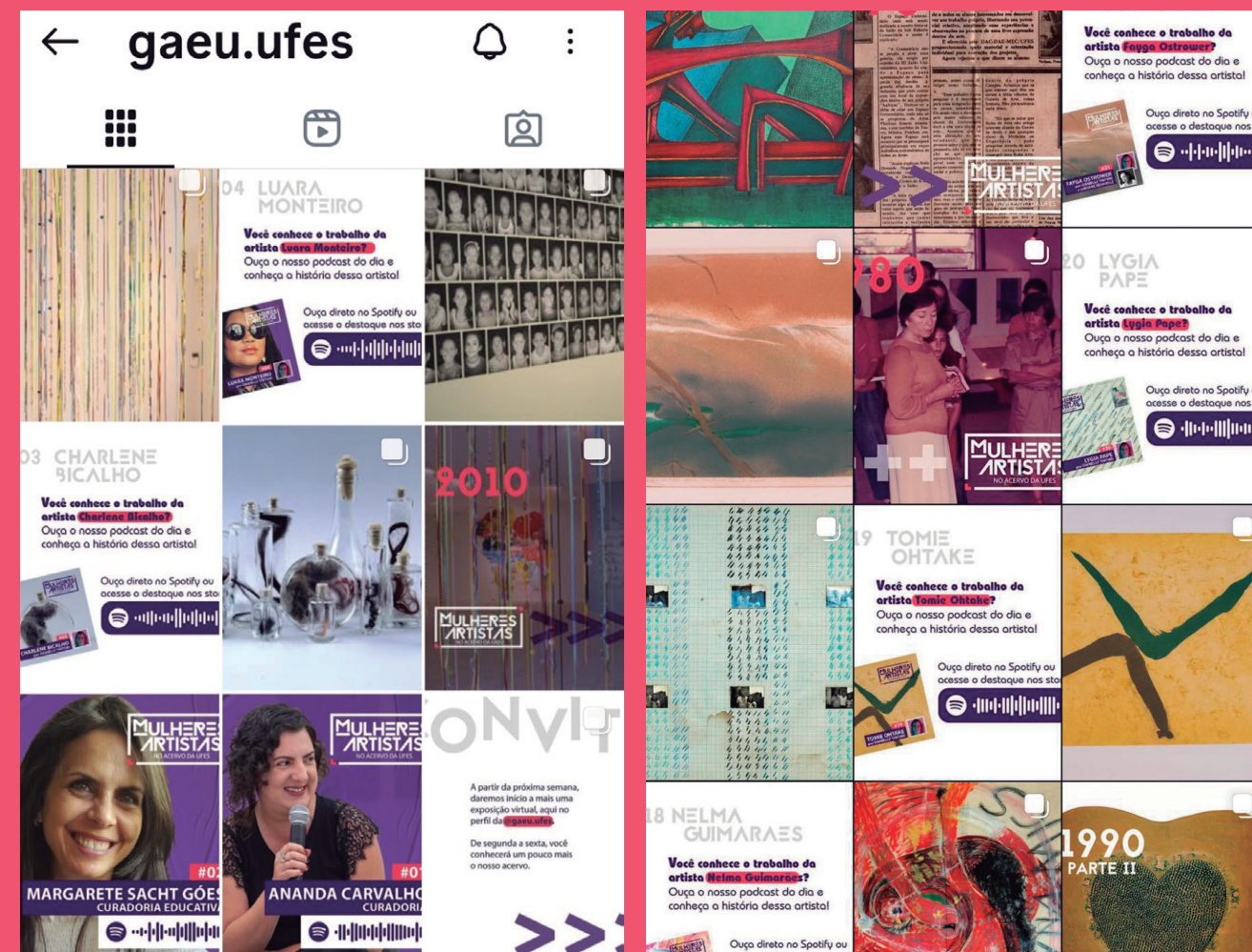
Vista da exposição de Fayga Ostrower (1984) e reportagem de jornal mostrando o painel com trabalhos de Marta Baião na exposição Programa Bolsa Arte 78. Fonte: Arquivo da Galeria de Arte Espaço Universitário.

Maria dos Prazeres Brito Menezes, Maria Inês Furtado Araújo Mattos, Sônia Maria Ramos e Tereza Cristina Cantarini Bressan. A exposição mostrava o trabalho de discentes da universidade contempladas por uma bolsa de pesquisa financiada pelo Ministério da Educação, em parceria com a Ufes, cujo intuito era "[...] estimular a criação e a promoção da arte como ofício no espaço acadêmico [...]" (Megre; Reinholz; Tintori, 2021a). É interessante observar essa exibição por três perspectivas: a importância do fomento no ambiente acadêmico (raridade no campo universitário e ainda mais nas áreas de artes nos tempos atuais), a presença exclusiva de mulheres e a experimentação dos trabalhos artísticos por estudantes em espaços expositivos. No caso dessa exposição, "[...] por meio de abstrações e figurações, as obras transitam entre experimentações gráficas que exploram o pigmento e o corpo", destacando-se a "[...] utilização de suportes como o papel para construção de imagens" (2021a).

As histórias dessas exposições foram publicadas no Instagram, seguindo uma ordem temporal das mais recentes para as mais antigas. Entretanto, as postagens eram alternadas com outras que mostravam obras

das artistas citadas e *podcasts* com suas biografias. Assim, propõe-se uma leitura da história por meio de questões que se destacam, sejam elas formais, sejam mais relacionadas aos procedimentos realizados pelos artistas.

Paulo Herkenhoff (2008, p. 31) afirma que "curadoria [...] deve ser produção de história". Nessa reorganização de documentos e registros fotográficos publicados no Instagram, ao revisitar essas exposições, nota-se a grande responsabilidade da Galeria de Arte Espaço Universitário perante a construção da História da Arte, principalmente no estado do Espírito Santo, na medida em que a inclusão ou a exclusão de um trabalho em uma exposição pode ser lida como uma construção de historicidade e significar a imanência ou o apagamento de uma obra. Nesse sentido, a ação curatorial se configura de dois modos que se complementam: resgate de obras, processos e artistas cujas realizações encontram-se no passado; e proposição de visibilidade e de novas leituras no contexto do presente. Por essa perspectiva, pode-se concordar com Freire (2006, p. 73-74) para observar que "as análises históricas não são continuidades a se estabelecerem como tradição e rastro, mas o recorte, a ruptura e o limite".



Postagens da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes no *feed* do Instagram.
Fonte: Galeria de Arte Espaço Universitário (2021).

Acervo em movimento: a exposição presencial

Em 2022, com a retomada das atividades presenciais na Universidade Federal do Espírito Santo, começou-se a elaborar uma versão dessa curadoria *on-line* para que fosse montada de forma presencial em abril de 2023. Optou-se por manter o mesmo recorte curatorial e as mesmas artistas que participaram de exposições individuais ou coletivas exclusivas de mulheres, realizadas de 1978 a 2013. Havia, portanto, diferentes caminhos de reelaboração do discurso a partir de conceitos curatoriais diversos que envolvem tanto a exibição de trabalhos compreendidos como objetos quanto a reorganização de arquivos, documentos e leituras de processos artísticos.

Ao preparar a curadoria de obras físicas, surgem interrogações no campo museológico. Como se constitui a obra de fato, para além do que foi registrado? Ou o que constitui a obra, mas não estava informado na fotografia de registro? Como exibir arquivos? Como mapear informações sobre obras instalativas, processuais ou efêmeras que não possuem dados sobre remontagem ou

reapresentação em seus documentos? Como elaborar aproximações temáticas espaciais para estabelecer linhas de cruzamento entre diferentes temporalidades?

Com o apoio de Angélica Reckel, responsável pela preservação e conservação das obras do acervo, e a assistência de curadoria da estudante de graduação Karen Nascimento, iniciou-se uma nova etapa do processo de pesquisa que procurava responder às perguntas colocadas. Analisou-se quais obras estavam em melhores condições para exibição e possibilitariam diálogos entre si. Como curadora que defende a importância da escuta das artistas, entrei em contato com as pessoas disponíveis para conversar e identificar os melhores modos de reexibição dos trabalhos. O resultado desses encontros está nas páginas que continuam este catálogo com imagens e textos apresentando as obras.

A exposição evidencia a pluralidade e a importância do acervo de artes visuais da Ufes, que é um dos maiores do estado. As obras contemplam, entre as diversas linguagens: gravuras de Tomie Ohtake e Fayga Ostrower; colagens de Lygia Pape e Nelma Pezzin; esculturas de Elisa Queiroz, Nelma Guimarães e

Rosana Paste; fotografias de Márcia Capovilla, Simone Guimarães e Thais Graciotti; instalações de Charlene Bicalho e Tatiana Rosa; pinturas de Andréa Abreu, Denise Pimenta, Marta Baião e Thais Apolinário; objetos de Juliana Morgado e Lara Felipe; livro de artista e videoperformance de Mara Perpétua.

As obras foram organizadas no espaço expositivo para fabular sobre a construção da imagem ou do imaginário da mulher. Algumas obras convidam a leituras mais objetivas, outras elaboram discussões mais abstratas que emergem de seus processos de criação. Desse modo, evidencia-se a pluralidade e a diversidade das mais diversas presenças nesta exposição. Conheçamos mais sobre as artistas e as obras exibidas nas páginas seguintes deste catálogo.

Referências

ALVES, Lindomberto Ferreira; DEGOBI, Phoebe. Mulheres Artistas no Acervo da Ufes: anos 1980. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, Vitória, 8 set. 2021a. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTkPT28LMVI/>. Acesso em: 24 set. 2022.

ALVES, Lindomberto Ferreira; DEGOBI, Phoebe. Mulheres artistas no Acervo da Ufes: anos 2000: parte 1. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, Vitória, 14 jul. 2021b. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRTtEWfjzww/>. Acesso em: 24 set. 2022.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRANKI, Márcia. Tomie Ohtake no Espaço Universitário. **Informativo Ufes**, Vitória, n. 94, 3-16 abr. 1995.

BUTLER, Connie *et al.* **From conceptualism to feminism**: Lucy Lippard's numbers shows 1969-74. London: Afterall Books, 2012. (Exhibition Histories).

CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Marins. Prefácio. *In*: CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Marins (org.). **Histórias das exposições**: casos exemplares. São Paulo: Educ, 2016. p. 8-10.

DALCOLMO, Jessica; PESSANHA, Lília. Mulheres Artistas no Acervo da Ufes: anos 1990: parte 2. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, Vitória, 25 ago. 2021a. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CS_9tbvrXwO/. Acesso em: 24 set. 2022.

DALCOLMO, Jessica; PESSANHA, Lília. Mulheres Artistas no Acervo da Ufes: anos 2000: parte 2. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, Vitória, 29 jul. 2021b. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CR7Au4ejVK1/>. Acesso em: 24 set. 2022.

FREIRE, Cristina. **Arte conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo**: arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminuras, 1999.

GALERIA DE ARTE ESPAÇO UNIVERSITÁRIO. **Mulheres Artistas no Acervo da Gaeu**. Vitória, 30 jun. 2021-14 set. 2021. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/gaeu.ufes/>. Acesso em: 22 set. 2022.

HERKENHOFF, Paulo. Bienal 1998: princípios e processos. **Marcelina**: revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, ano 1, v. 1, p. 20-36, 2008.

JONES, Amelia. Temas feministas versus efeitos feministas: a curadoria da arte feminista (ou seria a curadoria feminista de arte?). *In*: CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; PEDROSA, Adriano. **História das mulheres, histórias feministas**: antologia. São Paulo: Masp, 2019. p. 365-385.

LAGNADO, Lisette. As tarefas do curador. **Marcelina**: revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, ano 1, v. 1, p. 8-19, 2008.

LOPES, Almerinda da Silva. Da criação de duas galerias de arte pela Universidade Federal do Espírito Santo na década de 1970 à formação de uma coleção. *In*: LOPES, Almerinda da Silva; BARRETO, Waldir. **Sobre arte contemporânea no Espírito Santo**: textos críticos e curatoriais. Vitória: Edufes, 2022. p. 15-100.

MEDINA, Michele. Mulheres Artistas no Acervo da Ufes: anos 1990: parte 1. **Galeria de Arte**

Espaço Universitário, Vitória, 11 ago. 2021. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSb9YwILSXI/>. Acesso em: 24 set. 2022.

MEGRE, Larissa; REINHOLZ, Ludiane; TINTORI, Danielly. Mulheres Artistas no Acervo da Ufes: anos 1970. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, Vitória, 14 set. 2021a. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTzuQpCIL2E/>. Acesso em: 24 set. 2022.

MEGRE, Larissa; REINHOLZ, Ludiane; TINTORI, Danielly. Mulheres Artistas no Acervo da Ufes: anos 2010. **Galeria de Arte Espaço Universitário**, Vitória, 30 jun. 2021b. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQvoNp0jCd0/>. Acesso em: 24 set. 2022.

SPRICIGO, Vinicius Pontes. Rumo a uma arqueologia das exposições. *In*: CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Marins (org.). **Histórias das exposições**: casos exemplares. São Paulo: Educ, 2016. p. 53-67.



**HISTÓRIAS DAS
EXPOSIÇÕES:**

**RECORTE
CURATORIAL**

Programa Bolsa Arte 78

Denise Pimenta

Nelma Pezzin

Marta Baião

Beatriz Hees, Fernanda Lube, Kátia Regina Coimbra,
Maria dos Prazeres Brito, Maria Inês Furtado Araújo,
Neusa Mendes, Simone Guimarães, Sônia Maria
e Tereza Cristina Cantarini.

ANOS 70

1978



Vista parcial
da mostra das alunas
de Bolsa Arte no Campus.

+ ANOS 80

1980

Ovos do Vento

Galeria de Arte e Pesquisa - GAP

Lygia Pape



Arte sensorial
e ambientações,
no Museu
Santa Luzia

Lygia Pape mostra novas
propostas da arte visual

1984

Retrospectiva de Fayga Ostrower

Fayga Ostrower



1995

Pinturas e Gravuras

Tomie Ohtake



TOMIE OHTAKE
'A rebeldia é do meu caráter'

1990

Mostruário

Nelma Guimarães



Quando os gordinhos ditam as regras

Depois de 88 dias de greve, a Galeria de Arte da Ufes apresenta 'Objeto Obeso', uma exposição da artista plástica Elisa Queiroz.

Objeto Obeso

Elisa Queiroz

1998

Sem título

Lara Felipe



Brain Slicer

Juliana Morgado

1998



Quase Mesa,
Quase Prata,
Quase Tudo

Rosana Paste

2001

Fotografia

Márcia Capovilla

2004





Proposta em Arte

Mara Perpétua

2005



Pinturas

Andréa Abreu

2006



Pinturas e Desenhos

Nelma Pezzin

2008

Olhar Fotográfico. Olhar de Simone

Simone Guimarães



Trocas

Thaís Graciotti



Horizonte

Charlene Bicalho

Luara Monteiro

Tatiana Rosa

Thais Apolinário



Exposição, obras e artistas
Mulheres Artistas no Acervo da Ufes



ANDRÉA ABREU

Andréa Abreu é artista visual formada pela Universidade Federal do Espírito Santo e tem a pintura, principalmente a abstrata, como principal técnica utilizada em seus trabalhos. Andréa participou de diversas exposições coletivas e individuais. Na Gaeu se destaca a mostra intitulada Pinturas, de 2006, que evidenciava, sobretudo, paisagens. A artista teve um texto escrito sobre seu trabalho no livro *Exercícios do olhar, exercícios do sentir: ensaios e críticas sobre artes visuais*, de Erly Vieira (2019), onde sua poética é descrita como “fixação de movimento na tela”.

Sua obra presente na exposição foi produzida a partir de um processo em que Andréa utiliza

as mãos como instrumento para a pintura. A tela é constituída por um tecido semelhante a um lençol semitransparente. O material foi escolhido com o propósito de criar camadas de cores, construídas com o tempo, possibilitando a apreensão de movimento e fluidez através da técnica empregada. Após a pintura de um tecido, outro era sobreposto, modificando a pintura anterior para formar uma nova imagem.

Para a artista, o uso do material têxtil tem relação com memórias afetivas de sua infância, vivida no interior de Minas Gerais. Andréa traça ainda uma relação entre o tecido utilizado para a confecção da obra e roupas que possibilitam suas atividades cotidianas, como dormir, ler e comer.

Sem título
Pintura
Tinta Vinílica sobre tela
170 × 175 cm



CHARLENE BICALHO

Charlene Bicalho apresenta-se como uma artista interdisciplinar, curadora de articulações criativas e pesquisadora independente, cujo trabalho se desdobra em vídeo experimental, performance, texto, instalação, intervenção e fotografia. Sua prática criativa abarca interesses artísticos, ativistas, críticos e curatoriais, contendo, mesmo em suas abordagens individuais, o desejo coletivo por visualidades divergentes.

Sua participação na Gaeu se deu na mostra Horizonte (2013). Ela propôs uma instalação que era um desdobramento da série web-documentária *Raiz forte*, que, de acordo com o canal do projeto no YouTube, apresenta “[...] registros e relatos de mulheres negras residentes no Estado do Espírito Santo acerca da estética afrodescendente no âmbito familiar, escolar, afetivo e de militância” (Raiz [...], 2012).

A instalação apresentada em 2013 ocupava dois espaços. O primeiro, mais isolado, proporcionava um ambiente mais íntimo, com uma espécie de

penteadeira, espelho e frascos de vidro vazios. O público era convidado a doar uma mecha de cabelo, escolher um recipiente e, em seguida, deixar registrado em um caderno o motivo da doação ou apenas o nome. Do outro lado, ficavam os potes de vidro com as mechas de cabelo doadas pelas pessoas que passavam por ali. Ao todo foram cerca de 120 depoimentos. O acervo da Ufes salvaguarda 15 potes de vidro de diferentes formatos com os cabelos coletados. Esses potes foram exibidos na remontagem do trabalho na exposição em 2023.

Charlene Bicalho relata que nessa obra “estão algumas das memórias afetivas de pessoas que entrelaçam sua vida. As texturas das mechas exalam as fragrâncias dos encontros capazes de mostrar a metade do fractal submerso dentro de cada um de nós. Enquanto o reflexo confronta o estranhamento diante de si, moldando novos significados de uma herança irremovível”.

Sem título da série Irremovível (2013-14)

Versão parcial de instalação
Cabelos em recipientes de vidro sobre prateleiras
de vidro sobre parede azul
Dimensões variadas

Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)



ELISA QUEIROZ

Elisa Queiroz nasceu em Macaé, no Rio de Janeiro, em 1970. Fixou residência no Espírito Santo para cursar a graduação em Artes Plásticas na Universidade Federal do Espírito Santo. As obras de Elisa evidenciam a exploração do corpo feminino, muitas vezes o seu próprio, questionando os padrões de beleza da sociedade contemporânea, como pode ser visto na sua obra presente na exposição, onde seu corpo é retratado em tamanho real. Essa obra inclui também a representação de outro corpo, masculino, inspirado no companheiro de Elisa, provocando a elaboração da relação entre ambos.

A investigação acerca de uma “adiposidade sedutora” começou em meados dos anos 1990, quando Elisa, na época estudante de graduação, percebeu que a presença de formas arredondadas e amplas nos trabalhos artísticos que produzia durante sua pesquisa de iniciação científica eram, na verdade, uma tradução das formas presentes em seu próprio corpo.

Sobre sua produção, Elisa disse: “Meu trabalho explica a relação que tenho com o desejo e também com a ansiedade e a necessidade de abrigo. Uma arte vinculada aos questionamentos da vida cotidiana, que me oprime e me liberta, dando subsídio para formular meus objetos”. O acervo de artes visuais da Ufes possui o espólio doado pela família após a morte de Elisa, ocorrida em 2011.

Sem título (2009)

Escultura
Recorte e colagem de papel

Participação em exposições:
Marcus Vinicius (Gaeu, 2016)



MÁRCIA CAPOVILLA

Márcia Capovilla é artista plástica graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo, onde atuou por 26 anos como professora de fotografia. Em 2004, foi convidada para iniciar o curso superior de Tecnologia em Fotografia da Universidade Vila Velha. Também atua no mercado da fotografia publicitária e em projetos autorais.

Segundo Márcia, fotografar a torna uma pessoa mais sensível e perceptiva. Para a artista, sua realização se dá, principalmente, ao fotografar pessoas e fazer retratos, o que a levou a se interessar também por trabalhar com moda. De acordo com Rosana Paste, secretária de

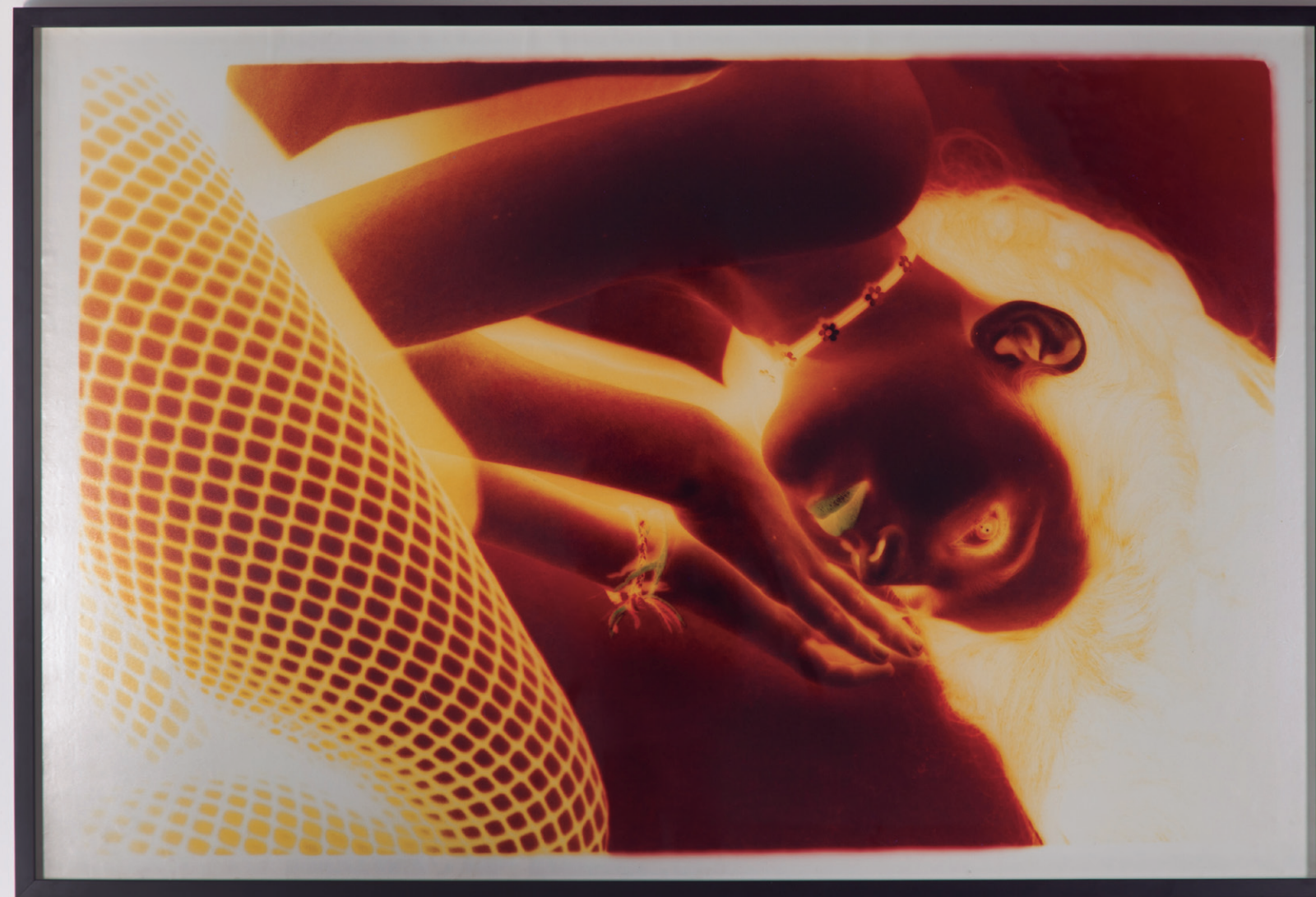
Cultura da Ufes na época em que a obra foi exibida pela primeira vez, “no registro da figura humana, [Márcia] sempre estabelece, com seus modelos, uma cumplicidade, ficando evidente a verdadeira personalidade do fotografado”.

A fotografia presente na exposição é impressa em negativo e traz consigo a reflexão de características que compõem o analógico e o digital a partir da observação do resultado do processo. A obra foi construída a partir de uma técnica muito utilizada pela artista nos anos 1980 e 1990, que consiste em uma mudança química realizada no momento da revelação para modificar o resultado da fotografia.

Sem título (2004)

Fotografia em negativo
90,6 × 135,3 cm

Participação em exposições:
Márcia Capovilla – Fotografia (Gaeu, 2004)



SIMONE GUIMARÃES

Simone Guimarães é artista plástica e fotógrafa. Atuou como professora de fotografia da Ufes por mais de 20 anos. Suas fotografias expressam um olhar atento ao mundo. Refletem principalmente cenas do cotidiano, envolvendo pessoas e paisagens, capturando elementos que tenham ligação com a artista, gerando afetos em torno das imagens, utilizadas como uma forma de comunicação.

A artista revela as fotos em seu laboratório, utilizando filmes fotográficos. O processo analógico é uma característica de seus

trabalhos, livres de processos digitais amplamente difundidos atualmente. Os produtos químicos utilizados conferem efeitos que proporcionam cores especiais às imagens, assemelhando-as a pinturas.

Durante o início de sua carreira, trabalhou principalmente com filmes preto e branco. Realizou sua primeira exposição de fotos coloridas, Retratos, em 1979 na Gaeu, expondo 42 obras. Para Simone, a fotografia não pode ser vista como uma cópia da realidade, visto que o artista, ao fotografar, também se coloca nesse processo.

Sem título (1981)

Fotografia p/b sobre madeira
29,4 × 23,3 × 1,4 cm

Participação em exposições:
3º Salão do Centro de Artes (Ufes, 1981)
Cúando tú for mileva (Gaeu, 2014)
Múltiplo comum (Gaeu, 2018)





LARA FELIPE

Lara Felipe é artista plástica formada pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atua como *designer* e publicitária e realizou exposições no Brasil, na América Latina e nos Estados Unidos, onde reside. Ao longo de sua trajetória, Lara participou de 5 exposições na Gaeu.

Sua produção aborda questões relacionadas a representações do corpo, tabus envolvendo sexualidade, principalmente a feminina, temas associados à afetividade e à morte, na tentativa de debater e compreender o seu lugar no mundo, seus desejos, medos e relações afetivas.

A obra apresentada foi criada em um momento de sua carreira em que trabalhava essencialmente o corpo feminino, fragmentado, mutilado e erotizado. O trabalho representa um vestido, insinuado como um corpo e que, segundo depoimento de Lara à equipe da Gaeu, é “um retrato da vitimização”. O formato do corpo-vestido é sustentado por um gancho de ferro, simulando corpos costurados em

veludo vermelho cor de carne. A sexualidade das representações de corpos é censurada, delimitada por medidas e linhas. O modelo é construído com cintura fina, quadris largos, o que pode ser utilizado como indicativo de fertilidade. As linhas contornam e amarram esse corpo fragmentado, situando-o num contexto. Para a artista, “o corpo manifesta-se em líquidos quando se emociona. Liquefaz-se. Secreta suor, saliva e fluidos do desejo”.

Me liquefaço (1998)

Objeto

Tecido costurado e metal

Peça A: 174,0 x 36,0 x 9,0 cm; Peça B: 27,0 x 15,0 x 3,3 cm; Peça C: 56,0 x 43,0 x 11,0 cm

Participação em exposições:

Lara Felipe – Exposição sem título (Gaeu, 1998)

Sedução (Gaeu, 1999)

Cúando tú for mileva (Gaeu, 2014)



TATIANA ROSA

Tatiana Gomes Rosa é licenciada em Artes Visuais pela Ufes, mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica, do Rio de Janeiro, e doutoranda em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Além de artista, Tatiana é arte educadora em espaços escolares e não escolares, trabalhando como professora da rede pública de ensino e idealizando projetos de arte educação em outros espaços, como o projeto Marés: Movimentos da Arte e da Educação, o Raiz Forte Espaço de Criação e Ku Sanga de Contas Contadas. A artista tem estudos, pesquisas e ações voltados para as práticas de ensino da arte e para as relações étnico-raciais, sob a episteme da equidade.

A obra exposta na exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes é um desdobramento da pesquisa de iniciação científica que a artista realizou na universidade de 2007 a 2008, quando estudou os fios de contas nas religiões afro-brasileiras. Posteriormente, o trabalho

foi construído a partir de histórias contadas através de fios de contas, criados coletivamente por diferentes pessoas do convívio da artista. Cada participante teceu um fio apoiado no seu repertório de práticas da religiosidade Ubuntu. Sobre a obra, Tatiana Rosa comenta: “constatei, durante o processo de construção do Abre-caminho, a importância da coletividade para a proposição de uma ‘contranarrativa’ frente à hegemonia cultural estabelecida como ideal. Um caminho para se apresentar a estética simbólica dos fios de contas”.

Abre caminho (2013)

Instalação

Contas, pedraria, tecido sobre fios de nylon
327 x 217 cm

Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)



THAIS GRACIOTTI

Thais Graciotti é artista visual formada pela Ufes, mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutora em Arte e Cultura Contemporânea pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atua como professora e pesquisadora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Seu trabalho se desenvolve a partir de pesquisas sobre deslocamento, paisagem e matérias em mutação. Faz uso principalmente de colagem, fotografia, vídeo, livro de artista e instalação. Desde 2016, explora o vidro num diálogo entre paisagem e gesto, material e imaterial, espaço e tempo.

A obra apresentada, Trocas, é parte de exposição individual homônima, realizada na Gaeu em 2006 e que também apresentava videoperformances e textos. De acordo com texto escrito por Thais para a divulgação àquela época, Trocas “propõe um olhar sensível sobre a transitoriedade no hoje, que

interfere no cotidiano do sujeito através da roupa como meio de ser e de transitar por entre universos [...]. A troca é sugerida como ação artística, criando relações entre a reinvenção de identidades e a roupa, forma de expressão desse conjunto de experiências que o indivíduo tem vivido na contemporaneidade”. O fato de algumas roupas terem sido colocadas de modo a não respeitar a forma usual de vesti-las, constitui, de acordo com a artista, “memórias de um corpo que encontra espaço no corpo do outro e este as devolve re-lidas”.

Trocas (2006)

Fotografias em plotagem adesiva
Dimensões variáveis

Participação em exposições:
Trocas (Gaeu, 2006)





LYGIA PAPE

Lygia Pape é reconhecida por ter sido uma importante gravadora, escultora, pintora, diretora de cinema, *designer* e professora. Integrou dois movimentos brasileiros de grande significância para a arte: o concretismo e o neoconcretismo. Lygia é um dos principais nomes da arte brasileira contemporânea e suas obras estão expostas em vários museus ao redor do mundo.

Sua obra é pautada pela experimentação, liberdade e manipulação das diversas linguagens e formatos. O trabalho da artista por vezes coloca o espectador como participante da obra. Em seus temas, explorou, em certo momento, assuntos políticos e históricos, por meio dos mais variados suportes.

Em O sabonete das estrelas (1980), uma das obras de Lygia presente na exposição, a artista traz a imagem de uma indígena sorridente e rodeada pela água de um rio, em uma espécie de cartão-postal. A imagem faz referência a uma propaganda de sabonete da marca Lux, que trazia a frase “O sabonete preferido por

9 entre 10 estrelas do cinema” e a imagem de uma mulher famosa, que representaria a mulher brasileira.

A fama da propaganda era grande, e Lygia utilizou essa referência para fazer uma crítica à visão ali exposta. Ela buscou construir uma imagem da mulher brasileira dando destaque à mulher indígena, de modo a reformular a maneira como os nativos brasileiros eram representados na época. Nessa obra, é possível observar mais uma fase da carreira de Lygia, em que a artista passara a conversar com a propaganda e os meios de comunicação.

O casal - Os enigmáticos mangueirenses da série Espaços imantados (1980)

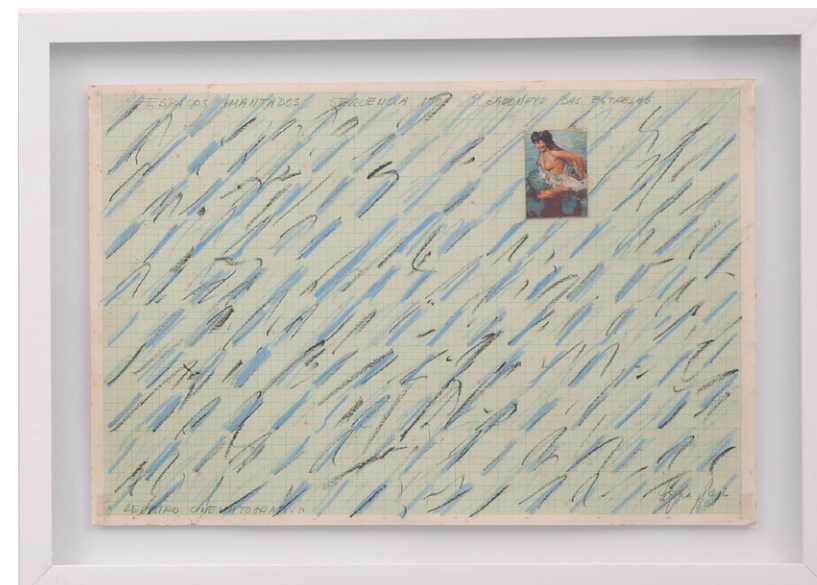
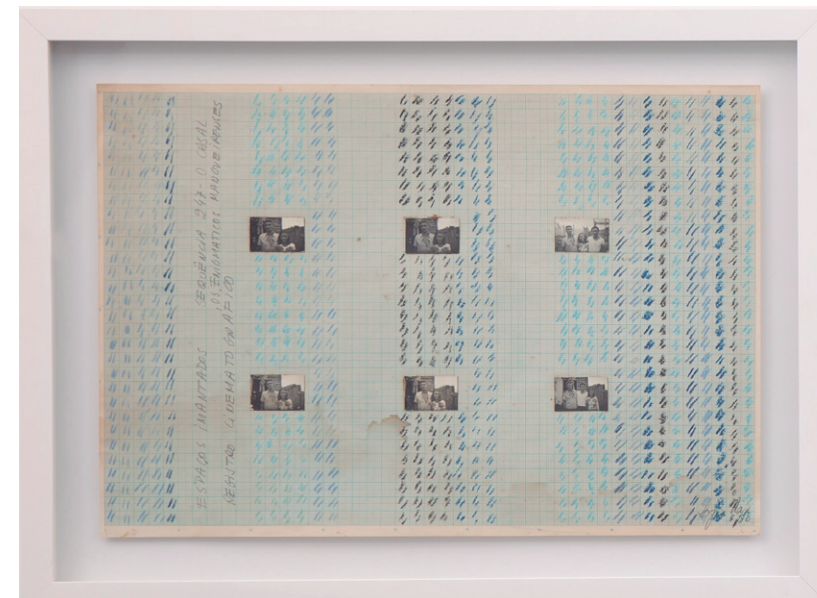
Colagem: Crayon, colagem e grafite sobre papel
31,3 × 46,7 cm

Participação em exposições:
Os Ovos do Vento (GAP, 1980)

O sabonete das estrelas da série Espaços imantados (1980)

Colagem: Crayon, colagem e grafite sobre papel
31,3 × 46,7 cm

Participação em exposições:
Os Ovos do Vento (GAP, 1980)
Acervo da Galeria de Arte e Pesquisa (GAP, 1982)



NELMA PEZZIN

Nelma Pezzin é artista plástica formada pela Ufes e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atuou como professora do Departamento de Artes Visuais da Ufes até sua aposentadoria, em 2015. Sua produção envolve principalmente desenho, pintura, gravura e colagem.

As obras apresentadas na exposição foram criadas com grafite e tinta produzida pela própria artista. São compostas por duas figuras, que podem indicar um distanciamento da realidade por suas formas e parecem flutuar

no espaço diante da quase ausência de traços em seus formatos e de conexões entre fundo, figura e borda, demonstrando a linguagem poética própria que a artista almejava alcançar no desenho.

Nelma gosta de explorar a busca pelo autoconhecimento, pelos temas místicos e também a incompletude das coisas em seus trabalhos. Esses interesses podem ser observados nas figuras que se refletem, como em uma espécie de espelho, nos símbolos presentes e no processo de criação da artista.

Sem título (1978)

3 pinturas

Aquarela e grafite sobre papel

20,8 × 15,1 cm; 14,8 × 18,5 cm; 20,8 × 15,1 cm





DENISE PIMENTA

A artista Denise Pimenta nasceu em Vitória, Espírito Santo, e cursou Artes Plásticas na Ufes e na Universidade de Brasília, especializando-se posteriormente na Universidade Federal de Santa Catarina. Denise trabalhou como *designer* gráfica e ilustradora da Ufes por muitos anos, tendo se aposentado nessa instituição. A artista trabalha hoje como ilustradora de livros infantis. Nos 20 primeiros anos de sua carreira como artista, realizou diversas exposições coletivas e individuais nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Na exposição Programa Bolsa Arte 78, realizada na Galeria de Arte Espaço Universitário, Denise, juntamente com outras artistas de sua época, mostraram obras que, segundo elas, eram feitas “de estudantes para estudantes”, destinadas ao público de dentro da universidade, abrangendo todos no seio estudantil, abrindo diálogos sobre os espaços expositivos presentes na universidade e sobre a arte como ofício no espaço acadêmico.

Na obra apresentada em Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, Denise representa corpos geométricos que se unem através das cores quentes dos gizes de cera, sobrepondo-se em um fundo geométrico de cores frias.

Sem título (1977)

Desenho

Aquarela, crayon e grafite sobre papel
41,0 x 61,2 cm

Participação em exposições:

II Salão de Arte Universitária do ES (Galeria
Homero Massena, 1977)

Programa Bolsa Arte 78 (Gaeu, 1978)



MARTA BAIÃO

Marta Baião é multiartista e ativista, graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Tem mestrado e doutorado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo, onde pesquisou temas relacionados a ativismo e outras questões feministas. Atualmente, Marta é coordenadora do Centro Informação Mulher (CIM), organização feminista que atua na defesa dos direitos das mulheres e, ao mesmo tempo, um importante acervo de gênero. Também integra o grupo de teatro feminista Mal-Amadas, encenando e dirigindo peças.

A artista participou de 10 exposições na Gaeu, entre individuais e coletivas. Marta relembra sua intensa participação na vida política, cultural e artística dentro da universidade em um contexto de ditadura militar e ressalta a importância da galeria como espaço de acolhimento aos artistas.

Sua poética perpassa por fotografia, performance, atuação, desenho, ilustração, criação e montagem de instalações plásticas/performativas. A obra aqui exposta foi exibida pela primeira vez em 1992. O trabalho teve início com pesquisas desenvolvidas pela artista em 1978, que envolviam desenhos de órgãos sexuais representados não como projetores de sexualidade, mas como imagens de censura.

Sem título (1992)

Desenho
Grafite e bastão oleoso sobre papel
100 × 23 cm

Participação em exposições:
Marta Baião – Exposição sem título (Gaeu, 1992)



JULIANA MORGADO

Juliana Morgado é artista plástica formada pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua como professora universitária, principalmente nas áreas de arte contemporânea e *design*.

A artista produz suas obras em vários suportes, como objetos, vídeos, instalações e interferências. Elabora reflexões acerca de elementos que criticam as formas de exploração intensificadas a partir do desenvolvimento do capitalismo. Seus trabalhos procuram mostrar as relações socioculturais, políticas e econômicas que se escondem por trás dos modos cotidianos de construir juízos, gostos e identidades.

A série Brain Slicer, apresentada na exposição, foi criada a partir da observação de um objeto cotidiano, um cortador de peras que a artista

encontrou no mercado. A apropriação do objeto não ocorre na presença do objeto em si, mas nos materiais publicitários em torno deste produto, que são constituídos por sacolas plásticas, panfletos, adesivos e embalagens.

Brain Slicer (1998)

Serigrafia em embalagem plástica e suporte de ferro
54 × 28 × 10 cm

Brain Slicer (1998)

Panfleto
Impressão sobre papel
20 × 14 cm

Caixa Brain Slicer (1998)

Tinta acrílica sobre papelão e fita de embalagem
16 × 24 × 16 cm





FAYGA OSTROWER

Fayga Ostrower nasceu em 1920 na Polônia e chegou ao Brasil em 1934, onde cursou Artes Gráficas, na Fundação Getúlio Vargas. Atuou como gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. No início de sua carreira trabalhou principalmente questões figurativas e, ao longo de sua produção, a abstração foi totalmente incorporada em suas obras. Essa transformação no seu processo de criação pode ser observada nas obras de 1948, 1958 e 1983 exibidas na exposição.

Fayga conquistou diversos prêmios em bienais. Uma das obras apresentadas, 5823, recebeu o Grande Prêmio Internacional de Gravura na 29ª Bienal de Veneza (1958). Em 1984, foi realizada uma retrospectiva de 39 anos de sua carreira, na Gaeu. O acervo de artes visuais da Ufes possui mais de 50 obras da artista, doadas pelo Instituto Fayga Ostrower em 2019. Atualmente, ela é considerada uma das principais

representantes da gravura no Brasil e uma das artistas mais importantes do país do século XX.

O interesse poético de produção da artista residia no espaço e em suas formas, equilíbrio, intervalos, escalas e cores, demandando uma nova adequação entre forma e conteúdo expressivo.

Sem título (1983)

Serigrafia sobre papel, tiragem 15/100
55,7 × 80,4 cm

5823 (1958)

Xilogravura sobre papel de arroz
34,5 × 90,5 cm
Participação em exposições:
Grande Prêmio Internacional de Gravura da
29ª Bienal de Veneza (1958)

Mulher (1948)

Gravura em metal, água-tinta, água-forte e
ponta-seca sobre papel
22,9 × 20,5 cm



MARA PERPÉTUA

Mara Perpétua é artista formada pela Ufes, com pós-graduação em Arte Educação pela mesma universidade. Realizou trabalhos como ilustradora e curadora e atua como arte educadora no ensino público e em espaços expositivos, desenvolvendo ainda projetos educativos para exposições e instituições culturais capixabas.

A artista tem o desenho como sua principal técnica, utilizando-o de diferentes formas, em distintos suportes, como em performances, aplicado em tecido, em paredes e objetos. Faz uso de temas relacionados a questões do tempo, unindo acontecimentos cotidianos com episódios do passado e do futuro.

A obra em formato de livro de artista presente na exposição foi idealizada quando Mara completou 47 anos. Intitulada Vermelho 47, constrói uma ideia de autorretrato e jogo com o tempo, uma prática comum presente nos títulos de suas obras. A ideia do livro é trazer

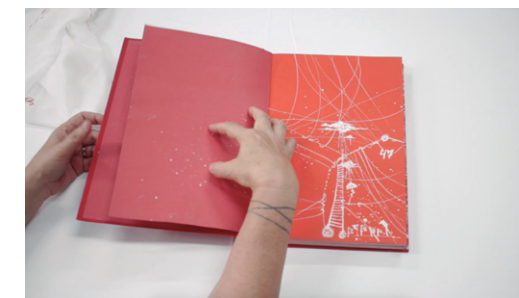
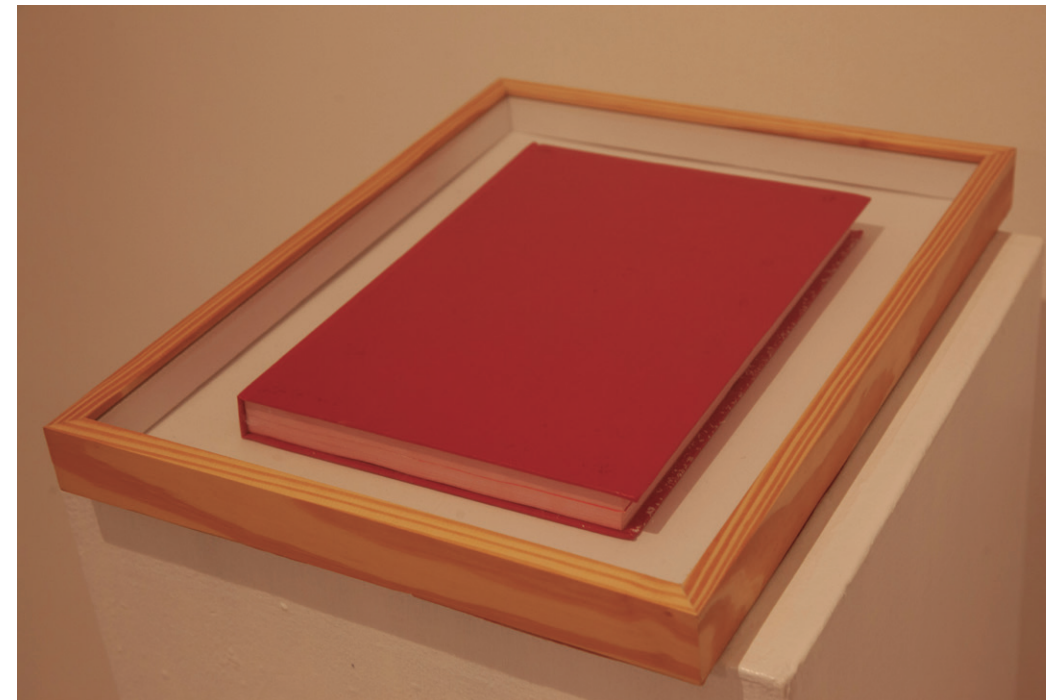
uma sequência de imagens, que sofre uma pequena quebra no prosseguimento durante o folheio das páginas. Ao conversar com a curadoria sobre as possibilidades de reexibição da obra, Mara propôs criar e exibir também a videoperformance Casa 47, em que ela apresenta o seu próprio gesto de manusear o objeto artístico.

Vermelho 47 (2014)

Livro de artista
Nanquim branco sobre papel vermelho
30,5 × 22,0 x 3,0 cm

Casa 47 (2023)

Videoperformance
4min27s



NELMA GUIMARÃES

Nelma Guimarães estudou Enfermagem, Artes, Letras e Inglês na Ufes. Teve aulas de artes no Museu Lasar Segall, em São Paulo, e estudou com o artista Carlos Fajardo. A artista trabalha principalmente com pintura, introduzindo linguagens e suportes como o bordado e a escultura.

A artista participou de diversas exposições na Gaeu, com duas mostras individuais. Na mostra individual Mostruário, em 1990, apresentou algumas intervenções ligadas às relações entre as pessoas, por meio de símbolos, como o coração, e o uso de cores quentes, como vermelho, laranja e rosa, em suportes diversos, como telas, roupas e bichos de madeira.

Em sua mostra individual mais recente, Vou Mostrando Como Sou e Vou Sendo Como Posso, em 2018, Nelma apresentou seus

trabalhos como memória afetiva. A partir do uso de linhas e contas coloridas, propunha apreciar e registrar os movimentos hábeis de suas mãos, ao apresentar composições em bordado por diferentes perspectivas.

Helga (1990)

Escultura

Papietagem

101,3 × 55 × 39 cm

Participação em exposições:
Mostruário (Gaeu, 1990)



TOMIE OHTAKE

Tomie Ohtake foi uma artista japonesa, radicada no Brasil, aonde chegou em 1936. Impedida de voltar ao país natal devido aos conflitos da Guerra do Pacífico, fixou residência no Brasil. Iniciou sua carreira artística aos 39 anos. Seus trabalhos envolvem principalmente pinturas, gravuras e esculturas e participaram de 20 bienais internacionais, mais de 120 exposições individuais e quase quatro centenas de coletivas, entre o Brasil e o exterior, além de receber 28 prêmios.

Tomie Ohtake é conhecida por trabalhos que têm uma aparência simples e minimalista, mas que à segunda vista se revelam mais complexos e com traços delicados. Paulo Herkenhoff — curador de diversas exposições da artista — aponta um procedimento que se destaca na poética de Tomie: “ao contrário do racionalismo da geometria ocidental, ela experimenta incessantemente a imprecisão”.

Já os curadores Agnaldo Farias e Paulo Miyada identificam formas que se repetem de modo recorrente. “[...] Suas linhas não têm começo nem fim, elas retornam sempre, como letras de um alfabeto pessoal que Tomie manuseia incessantemente, percorrendo-as em tamanhos, cores e materiais variados. [...] Se levarmos em conta suas gravuras, podemos desistir de vez de acreditar que as linhas de Tomie possam ser represadas em definitivo”.

Seu modo de criação é caracterizado por prévias e estudos até que se chegue à sua execução. No trabalho exibido nessa exposição, pode-se observar como Tomie Ohtake usa a técnica de sobreposição de planos em ortogonal sobre a base da imagem. Ou seja, como uma colagem, a composição traz várias perspectivas para o observador da obra, propondo um movimento de figuras, cores e texturas.

Sem título (1993)

Serigrafia sobre papel, tiragem 12/100
67,0 x 93,8 cm

Participação em exposições:
Tomie Ohtake – Pinturas e gravuras (Gaeu, 1995)





THAIS APOLINÁRIO

Thais Apolinário é multiartista graduada em Artes Visuais pela Ufes. Atua como artista plástica, arte educadora, DJ, cabeleireira, cenógrafa, figurinista, grafiteira do coletivo Rede Mulheres Urbanas e educadora social de referência dentro do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Prefeitura de Vitória.

A obra presente na exposição foi composta por diversas camadas de cola PVA, tingida de corantes de várias cores, assumindo múltiplas formas e dimensões. O trabalho reflete a memória e as experiências da artista e de seus familiares, através de camadas de peles, pensando na relação com o tempo, o outro, sua ancestralidade, sua história e sua construção e vivência enquanto mulher negra.

As camadas de tinta são retiradas de suportes tradicionais utilizados na pintura e realocadas na parede da galeria. A obra, composta por sobreposições de resíduos coloridos formados por finas películas pigmentadas, extrapola

as dimensões, formatos e suportes que geralmente sustentam, comportam e definem as formas assumidas pelas tintas.

Sobre a poética da artista, Henrique Guimarães comenta em "Uma revisão da linguagem pintura", matéria publicada n'A Gazeta: "A partir de uma pesquisa em tintas, a artista consegue congelar o gesto e o processo. Da técnica de pintura se retirou a camada pintura, dissecando-a e expondo a fragilidade do gênero. O resultado gerado é uma película, pura e simples de pintura, que se expande além do bidimensional".

Sem título (2013)

Pintura
Corante em cola PVA
Dimensões variadas

Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)



ROSANA PASTE

Rosana Paste é artista plástica, mestra e doutora em Educação pela Ufes, onde atua como professora do Departamento de Artes Visuais desde 1994. Participou de inúmeras exposições ao longo dos anos, com destaque para o Projeto Rumos Visuais, realizado pelo Itaú Cultural, nos anos 2000, e em exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Paraná, além do Espírito Santo.

A obra Arco, que está presente na mostra Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, foi exposta inicialmente na Galeria Homero Massena, em 1999, e logo após participou de todas as mostras do Projeto Rumos Visuais, onde fez parte de um conjunto que explorava as relações entre corpo e arquitetura. A artista afirma que esta obra, o arco, ganha a dimensão de um pensamento da escultura em um espaço arquitetônico, gerando um diálogo possível entre essas duas construções (arquitetura e escultura). Também provoca reflexões sobre seu aspecto industrial,

na medida em que o objeto foi idealizado para que não tenha falhas ou vestígios de manufatura.

De acordo com o comentário crítico elaborado pelo Itaú Cultural, na obra de Rosana "O metal assume formas mais controladas: delgadas, escovadas, lisas, convidando o olhar a deslizar com facilidade sobre sua superfície. Estas peças surgem de dentro da parede ou do teto do espaço expositivo, remetendo a um espaço que está além do percebido, sugerindo que seu início encontra-se num outro lugar, talvez inacessível".

Arco (1998)

Escultura
Alumínio torneado
401,0 x 306,0 x 3,2 cm

Participação em exposições:
Quase Mesa, Quase Prata, Quase Tudo (Gaeu, 2001)
Espírito 80 (Gaeu, 2015)



Redação e edição de informações disponibilizadas pelas artistas por Danielly Tintori, Daysa Falqueto, Fernanda Sabine, Guilherme Brasil, Karen Nascimento, Maria Luiza Galacha, Milena Espinoza, Thalia Decarli.

Textos previamente publicados em formato de áudio para a mediação da exposição em: <https://open.spotify.com/show/1dQISUeGdSk2sLTsiji3iA?si=qW-jMR-PSH6xFxe5Nm7aIA>.

Versão para o catálogo por Ludiane Reinholz.

Referências

ALVES, Lindomberto Ferreira. Livro-objeto-brinquedo (2020), de Mara Perpétua. **Manuscrita**: Revista de Crítica Genética, São Paulo, Brasil, n. 41, p. 101–104, 2020. DOI: 10.11606/issn.2596-2477.i41p101-104. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/180171>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BARRETO, Waldir; LOPES, Almerinda da Silva. **Sobre arte contemporânea no Espírito Santo**: textos críticos e curatoriais. Vitória: Edufes, 2022.

CHENLER, C. Bolsa de Arte: uma exposição assumida por três artistas. **A Gazeta**, Vitória, 1978.

ENCICLOPÉDIA Itaú. **Charlene Bicalho**. São Paulo: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/65199-charlene-bicalho>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ENCICLOPÉDIA Itaú. **Lygia Pape**. São Paulo: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape>. Acesso em: 22 jul. 2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú. **Rosana Paste**. São Paulo: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/8200-rosana-paste>. Acesso em: 2 jun. 2025. Verbete da Enciclopédia.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Tomie Ohtake** - Gesto e razão geométrica. 2013a. Disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/tomie-ohtake-gesto-e-razao-geometrica/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Tomie Ohtake** - Influxo das formas. 2013b. Disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/tomie-ohtake-influxo-das-formas/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MELLO, Júlia Almeida de. **O corpo gordo**: diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães. Vitória, Espírito Santo, 2005. *In*: Repositório Ufes. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/1690>. Acesso em: 13 mar. 2021.

OSTROWER, Fayga. **Caminhos de Fayga Ostrower** [catálogo da exposição]. Rio de Janeiro, Caixa Cultural, 2006.

PIROLA, Maria Nazareth Bis; REBOUÇAS, Moema Lúcia Martins; SOUZA, Flávia Mayer dos Santos. Interdiscurso da arte, da publicidade e do consumo. Tramas sobre a nossa condição no mundo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 8-20, 2016.

PRÊMIO PIPA. **Charlene Bicalho**. Rio de Janeiro: Prêmio PIPA, 2021. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/charlene-bicalho/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

REBOUÇAS, Moema Martins. O fazer sensível de Nelma Pezzin: artista e professora. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, RS, v. 7, n. 1, abr. 2020. ISSN 2357-9854. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/96824>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ROSA, Tatiana Gomes. **Ku sanga de contas contadas**: práticas de ensino da arte para as relações étnico-raciais. 2017. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017.

VIEIRA, Erly. **Exercícios do olhar, exercícios do sentir**: ensaios e críticas sobre artes visuais. Vitória: Cousa, 2019.



É com uma reflexão sobre a ativação da memória e a escrita das histórias que esta exposição começa a ser pensada. O acervo de Artes Visuais da Ufrj possui mais de duas mil obras, datadas de 1940 até a época atual. Entre os 397 artistas catalogados, 42% são mulheres, autoras de 37% das obras. O acervo é constituído principalmente por doações de artistas que realizaram exposições nas duas galerias existentes na Universidade (Gávea e GAPI). À luz dessas informações, propõe-se aqui reflexões a partir das obras e suas exposições: quais são as ausências e as presenças?

Esta mostra exprime o desejo de ativar recordações a partir do momento em que a obra se encontra com o público. Na linha do tempo ao lado, pode-se observar que foram selecionadas algumas exposições de artistas mulheres promovidas pela instituição por mais de 40 anos. Queremos contar para o público sobre todas elas, mas era preciso escolher um recorte. A seleção procurou considerar a presença de artistas espírito-santenses, assim como nomes que são referência para a arte brasileira. Após a escolha das artistas, selecionou-se as obras entre as presentes no acervo da Ufrj, independentemente de estarem ou não presentes nas mostras citadas na linha do tempo, que disparam o primeiro critério curatorial.

Em Mulheres Artistas no Acervo da Ufrj, propõe-se pensar as obras de forma rizomática, assim como privilegiar a multiplicidade e a subjetividade das lembranças. Espera-se dar a ver histórias no plural, assim como ressaltar a importância de sua constante retomada. Ressalta-se também o desejo de um futuro mais igualitário e um chamado para que cada vez mais as instituições possam compor seus acervos com trabalhos de mulheres, negros, povos originários, pessoas LGBTQIAP+. Desse modo, busca-se produzir história em diálogo com o presente e provocar a reflexão sobre outras produções e continuidades da circulação da arte contemporânea.

Ananda Carvalho
Curadora
Professora DAV-Ufrj





**O Setor Educativo da Gaeu: entre o
virtual e o presencial na exposição
Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**

Margarete Sacht Góes
Kênia Tinelli

Cartografias... percursos... processos... caminhos... encontros...

Intencionamos rememorar, neste texto, as experiências vividas por um grupo de arte educadoras/es e estudantes que transitou entre o virtual e o presencial para pensar, coletivamente, duas versões da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes.

Essa exposição potencialmente nos convoca a refletir sobre como na vida cotidiana somos atravessadas por “dramas patriarcais” (hooks, 2013, p. 161) e de que modo podemos contribuir para reimaginar os espaços expositivos buscando “propostas para abalar e subverter os próprios fundamentos do pensamento museológico” (Vergès, 2023, p. 250).

Dialogando com essas duas temáticas, inicialmente, faremos uma digressão sobre os processos vividos durante a primeira exposição, que se deu de modo virtual em 2021, e, posteriormente, durante a exposição presencial, em 2023.

REALIDADE VIRTUAL: ACIONANDO ENCONTROS E MEMÓRIAS PARA FABULAR O FUTURO

O movimento de fazer memória, de retornar ao passado faz com que esse passado se transporte para o presente. E foi nesse contexto que se deu, a princípio, o maior desafio experienciado pelo Setor Educativo da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu): romper com o contato físico e reorganizar os modos de nos encontrarmos, haja vista que nossos processos de formação e de produção das propostas educativas (mediação, ações e materiais) sempre foram marcados pelo contato presencial entre pessoas, espaço expositivo e obras, além de diálogos despretensiosos com artistas e curadoras/es. As ideias que surgiam nos encontros, nas conversas, no cafezinho tiveram que assumir novos contornos... Tudo isso reconfigurado pela pandemia de covid-19.

Entretanto, mantivemos o calor das discussões, mesmo de modo virtual, pois a temática “mulheres artistas” era instigante demais para todo o grupo que se envolveu na busca de conhecer a história das mulheres artistas incríveis que começavam a fazer parte das nossas vidas. Era a história se fazendo viva por meio das memórias que recuperávamos!

Drives compartilhados, conversas por *Whatsapp*, reuniões virtuais... eram os meios que tínhamos disponíveis para trocar e aprender umas/uns com as/os outras/os. Assim, a partir da proposta curatorial desenvolvida por Ananda Carvalho, a equipe do Setor Educativo da Gaeu se dividiu para pesquisar a história das exposições com um recorte retrospectivo abrangendo cinco décadas: dos anos 1970 aos anos 2010. O intuito era “[...] ativar recordações a partir do momento em que a obra se encontra com o público, ou seja, a exposição” (Carvalho, 2021).

Nossa organização envolveu reuniões com as equipes de curadoria e do Educativo para apresentar a proposta, iniciar o levantamento de possibilidades, definir e dividir tarefas e organizar o cronograma de trabalho. Era preciso pesquisar, produzir textos para cada década da exposição, elaborar as proposições educativas, bem como verificar as informações museológicas. Para Vergès (2023, p. 11):

Os museus são locais onde há um diálogo entre pessoas de horizontes muito diversos. Portanto, são locais que contribuem para o intercâmbio societal. Por isso, as principais funções do museu — coleção, pesquisa, mediação e conservação — são mais essenciais, mais pertinentes do que nunca.

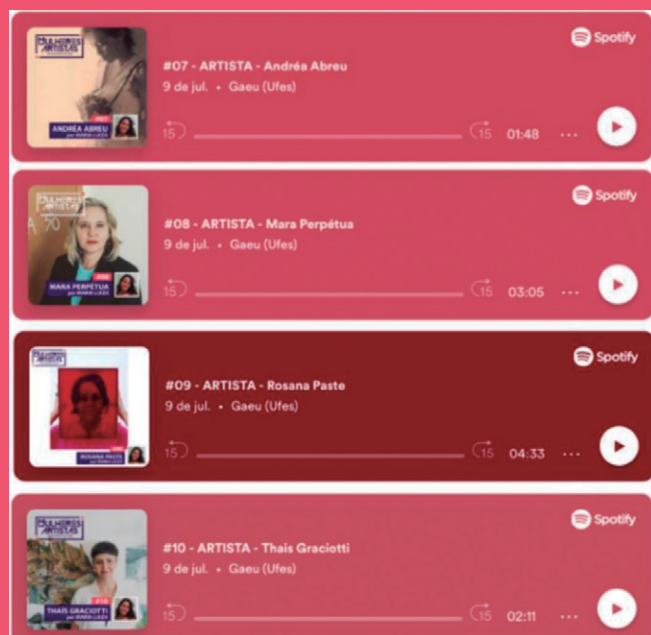
Nesse processo de pesquisa e de pensar a mediação, alguns desafios acenavam para o grupo, pois todas as nossas ações precisavam ser preparadas para o ambiente virtual. Desse modo, iniciamos uma pesquisa em paralelo a fim de elaborar o material educativo, as estratégias de mediação cultural e a acessibilidade, uma vez que, para o grupo, era fundamental que todas/os pudessem acessar as obras e a exposição sem distinção. Em especial, para o Setor Educativo da Gaeu, a acessibilidade é um desafio e uma meta constantes, e, na exposição virtual, não foi diferente.

Em parceria com o Núcleo de Tradução e Intérpretes de Libras, os textos de apresentação (curadoria da exposição e curadoria educativa) foram traduzidos na Língua Brasileira de Sinais. Ideias foram surgindo: começamos a produzir jogos virtuais e a transformar textos em vídeos, em *podcasts* sobre a vida e as obras das artistas.

Para ampliar as discussões sobre a exposição, propusemos também uma cartografia afetiva, na qual utilizamos a ferramenta *on-line Padlet*. Essa cartografia, em formato de mural, funcionava como um desdobramento da exposição, pois permitia acessar, a partir das imagens, palestras e *podcasts* com os *links* disponibilizados. Essa ação pedagógica



Cartografia afetiva da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes elaborada na plataforma Padlet pela Gaeu



Recorte de uma série de *podcasts* disponíveis no *Spotify* produzida pela Gaeu para a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes
Fonte: Acervo das autoras.

possibilitou às/aos estudantes, às/aos arte educadoras/es e também ao público criar conexões e outros diálogos com a temática da exposição.

Mediar e propor ações e materiais educativos sem estar com o público, sem dialogar com ele, sem ter contato físico foi algo nunca experimentado pela equipe que, à época, integrava a Gaeu. Naquele contexto de virtualidade e de distanciamento social, vimos que os jogos educativos desenvolvidos em plataformas digitais livres se tornaram dispositivos potentes para trabalhar com o ensino. Assim, especificamente para essa exposição, propusemos um material educativo que se constituiu de jogos virtuais em aplicativos gratuitos para subsidiar o ensino de Arte realizado nas escolas.

Nesse movimento virtual, fizemos postagens semanais em nossas redes sociais dando acesso ao acervo de arte da Ufes a diferentes públicos. Estabelecemos um diálogo com eles por meio do material educativo, que propugnava que a produção epistêmica, cultural e artística colonizadora e patriarcal circulante nos espaços expositivos muitas vezes invisibiliza as mulheres e engendra processos de subalternização e inferiorização.

O texto de apresentação do material, da curadora do Educativo, Prof.^a Margarette Sacht Góes, já provocava uma reflexão sobre como estilhar, por meio de ações pedagógicas intencionais propostas conjuntamente com o grupo, essas relações que foram se constituindo nos espaços artísticos e culturais:

Exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”

Promovamos pesquisas e tornemos visíveis as formas de criação de artistas mulheres de outros grupos sociais e outras culturas.

(BIENAL 12 #04, 2020, p. 51)

Mulheres! Mulheres artistas! Visibilidade feminina!

A exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes” destaca algumas mulheres que nos marcaram e marcam por sua poética, força, resistência, sensibilidade e transgressão por meio da arte.

Cada artista — com suas histórias, suas narrativas, seus contextos artísticos e culturais, suas dores, seus afetos e seus amores —, leva-nos a uma passagem pelo tempo, indo ao encontro de diferentes e diversas trajetórias, que foram se constituindo na vida e na arte.

Nesse contexto, fazemos uma aproximação entre três categorias importantes para orientar as ações educativas: Mulher — Historicidade — Visibilidade.

A partir de um recorte histórico que vai [...] de 1978 a 2013, por meio de uma linha do tempo a que intitulamos “Cartografia afetiva”, registramos os possíveis lugares que essas mulheres artistas ocuparam e ocupam na história da arte capixaba, como um mapa de geografias singulares.

Nessa cartografia afetiva, propomos então um percurso educativo a partir do qual ressaltamos as histórias dessas mulheres em podcasts, que se desdobram em diálogos com outras mulheres por meio de links de vídeos que abordam feminismo, representatividade, mulher, mulher negra, visibilidade feminina, gênero, patriarcado, dentre outras temáticas que objetivam quebrar barreiras simbólicas que estão arraigadas nas memórias, nas histórias e no inconsciente coletivo. Assim, dedicamos essa trajetória a todas as mulheres que, na história da arte e da humanidade, sempre estiveram à margem, nas regiões periféricas, à sombra dos ditos “grandes homens” e subjugadas por uma ideia de patriarcado estrutural. Essa cartografia nos permite, então, revisitar o acervo da Galeria de

Arte Espaço Universitário — Gaeu, ao dialogar com as obras selecionadas para a exposição virtual que acontece concomitantemente às ações propostas pelo educativo e que podem ser acessadas para ampliar o diálogo com as artistas expositoras.

Expandindo as possibilidades de interação e de mediação com o público que acessa a exposição, elaboramos um material educativo que, em tempos pandêmicos ou não, pode ser utilizado nos espaços escolares, pois é constituído de jogos virtuais que exploram as obras de maneira lúdica e educativa. Propomos, por fim, um manual para professoras e professores criarem seus próprios jogos utilizando aplicativos livres que possibilitem criar encontros profícuos, conexões entre exposições, obras, artistas e os sujeitos que ocupam os espaços escolares.

Fonte: Góes (2021).

Com esse texto, que abre o material educativo, configuramos a presença, mesmo que virtual, do Setor Educativo da Galeria de Arte Espaço Universitário, que, em tempos de pandemia de covid-19, povoou as redes sociais de muita arte e representatividade feminina. Queríamos dialogar sobre a visibilidade feminina no meio artístico e nos perguntávamos: quantas



Postagem da Gaeu em sua página do Instagram
Fonte: Galeria de Arte Espaço Universitário (2021).

artistas mulheres tiveram a oportunidade de expor na Gaeu/Ufes? O que essas mulheres representaram e representam no meio artístico e cultural? Como o padrão heteropatriarcal dominante reverbera ainda hoje nos equipamentos culturais?

Para além de democratizar a arte, desejávamos subverter a lógica socioinstitucional, e isso nos provocava não somente a pensar, mas a propor lógicas de contestação do discurso hegemônico, na busca de caminhos concretos, pois importa-nos uma educação pelas vias da liberdade, da emancipação e da transgressão. Para Vergès (2023, p. 25):

Falar da decolonização impossível do museu é convidar a imaginar o pós-museu, a pensar que arquitetura acolheria objetos, imagens, sons e narrativas, que funcionamento e que economia teria essa instituição, quem trabalharia nela e como. De que forma se evitará a hierarquia de gênero, raça e classe? Quais serão suas leis fundadoras? É se permitir um salto na imaginação? É se perguntar se elementos do museu universal devem ser mantidos e por quê, ver o que já propõem os museus comunitários, os museus efêmeros, os coletivos de artistas e ativistas, e mergulhar nas estéticas anticoloniais, antifascistas, anti-imperialistas,

feministas, queer e indígenas. Não é fechar o futuro, muito pelo contrário, é abri-lo: iremos além da crítica da instituição existente para pensar no que serão as nossas instituições decoloniais, feministas, antirracistas, anticapitalistas e anti-imperialistas.

Intencionávamos, para além de dar visibilidade às mulheres artistas que compõem o acervo de arte da Ufes, envolver o público em uma discussão mais ampla. Para hooks (2018, p. 23): “A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido”. Por isso, nós precisamos fazer sempre o contraponto. Era preciso pensar e agir a contrapelo!

REENCONTRO PRESENCIAL: CONFLUÊNCIAS

Ao apresentar uma temática instigante, que objetivava refletir sobre arte, mulher, historicidade, visibilidade, representatividade feminina, corpos, narrativas, identidades, entre outras discussões importantes no mundo contemporâneo, no ano de 2023 pudemos enfim abrir as portas da Gaeu para a

concretização da exposição presencial. Com todas as suas nuances e potência de crítica social, a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes se transfigurou para o presencial para contar a história de exposições realizadas entre 1978 e 2013.

Os diálogos provocados pelo reencontro presencial, as trocas, as ideias que surgiam no coletivo, o contato físico, o espaço expositivo... sentíamos, conforme afirma Nego Bispo, que era o rio fazendo confluência, pois: “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente — a gente rende” (Bispo dos Santos, 2023, p. 15).

Assim, era nessa confluência, no compartilhamento de saberes, ideias, afetos e das artes que nos reorganizávamos como grupo, nos constituíamos coletivamente e nos fortalecíamos como uma rede de pesquisadoras/artistas/professoras/estudantes. Ao compartilhar “[...] uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto” (Bispo dos Santos, 2023, p. 36), nutrimo-nos, potencializamo-nos e fazemos história!

Buscávamos então, de acordo com a curadora do Educativo, a “[...] presencialidade, do contato humano e amoroso [...]” (Góes, 2023), conforme texto que abria o material educativo:

Exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”

A exposição presencial “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes” é uma extensão da exposição virtual ocorrida em 2021 no perfil do Instagram da Galeria de Arte Espaço Universitário (@gaeu.ufes). Para essa exposição, a Sessão do Educativo da Galeria produziu diferentes materiais [digitais] [...].

[...] disponibilizamos diversos podcasts, um mural no padlet com a linha do tempo do recorte histórico [...] de 1978 a 2013 e que é composto por uma série de atividades, proposições e desdobramentos que se conectam com o processo de produção, vida e obra das artistas mulheres que fazem parte da exposição, repercutindo e dando visibilidade a elas. Além disso, encontra-se acessível o e-book “Mulheres artistas”, com variados jogos on-line, ações educativas e dispositivos que possibilitaram o diálogo com a exposição e com a realidade virtual que atravessávamos no ano de 2021 devido a pandemia da covid-19.

Nessa transição do virtual para o presencial, no ano de 2023, o material educativo propõe ativar memórias afetivas e acessar lugares por vezes esquecidos, sublimados, mas fundamentais para a constituição das identidades, subjetividades e valorização da mulher em todas as suas nuances...

Em busca dessa presencialidade, do contato humano e amoroso, esquadrimos, a partir dos gêneros textuais “carta”, “bilhete” e “cartão postal”, a materialidade, por meio da mão que escreve e desenha, o caminho possível para acessar memórias afetivas, na qual imagem e escrita criativa se entrelaçam, tangenciam, reconfiguram e retomam relações que necessitam da presença física do outro. Esse endereçamento amoroso reflete e refrata as mulheres artistas, pesquisadoras, professoras, servidoras, técnicas, donas de casa, mães, e tantas outras!

Aprender como nos amar e como amar os outros dependerá da existência de um ambiente amoroso (hooks, Tudo sobre o amor, 2021).

Fonte: Góes (2023).

Assim surgiu uma nova versão para a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, agora com um espaço físico próprio onde o Setor Educativo podia explorar todas as nuances artístico-pedagógicas que a exposição ofertava. Diferentemente do que havíamos vivenciado durante a exposição virtual, tínhamos uma sala na qual podíamos brincar, interagir, dialogar, rir e estar juntas/os ativando as nossas memórias e produzindo novas histórias.

Essa sala, que, majoritariamente, era utilizada para comportar as obras da exposição, ganhou um novo sentido para o Setor Educativo, pois podíamos habitá-la e vivenciar nela momentos de produções coletivas com o público.

Nessa direção, o desejo de produzir materiais educativos se potencializou, e as/os várias/os estudantes graduandas/os de Artes Visuais atuando na equipe produziram quebra-cabeças com desenhos das artistas feitos a partir da poética de cada um/a. Todo o projeto gráfico do brinquedo foi elaborado pelas/os estudantes e incluiu o retrato de oito artistas que estavam na exposição.

Compreendemos que, como um setor educativo, envolver as/os estudantes nessa produção

fez com que as relações entre todas e todos ganhassem contornos horizontalizados, de corresponsabilidade, coparticipação e autonomia poética. Ao refletir sobre o “pós-museu”, Vergès (2023, p. 14) nos incita a pensar que:

Não basta expor obras “decoloniais” (quais seriam os critérios e quem as definiria?), diversificar o que é pendurado nas paredes, falar de preservação e conservação em um estado de guerra permanente contra subalternos e indígenas; temos que nos perguntar o que seria um “pós-museu”, isto é, um espaço de exposição e transmissão que leve em consideração análises críticas de arquitetura e história das artes plásticas. É preciso criar um lugar onde as condições de trabalho daqueles que limpam, vigiam, cozinham, pesquisam, administram ou produzem sejam plenamente respeitadas; onde as hierarquias de gênero, classe, raça, religião sejam questionadas.

Buscávamos essas desconstruções em nossas ações, pois compreendemos a importância de todas e todos que habitam (trabalham) os espaços expositivos. Nessa perspectiva, além de incentivar a produção artística das/os estudantes, realizamos ações com

trabalhadoras terceirizadas da Ufes, em um encontro afetivo com elas, no qual rompemos com as hierarquias funcionais de trabalho para propor momentos de fruição, diálogo e conversas cuidadosas sobre histórias de vida e os desafios de ser mulher em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo. Com elas, rememoramos outras mulheres importantes com o intuito de encontrar referências femininas que fizeram e fazem história em todos os âmbitos da nossa sociedade.

Ressaltamos, inspiradas em Gabre (2021, p. 148), que: “Pensar no museu como um espaço educativo vai além de organizar uma exposição de forma didática e mais compreensível aos diferentes públicos; inclui o pensamento de um museu mais integrado, que exerce um trabalho colaborativo e horizontal desde dentro”. Rememorar fragmentos das duas histórias da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes nos faz olhar para trás e ter percepções importantes do movimento feito por toda a equipe do Setor Educativo. É preciso lembrar que, durante muito tempo, o sexismo artístico e epistêmico engendrou, nos espaços expositivos, processos de invisibilização. Na atualidade, juntamos esforços para romper com essa estrutura patriarcal e colonial.



Sala educativa da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, na Gaeu
Fonte: Material educativo (2023).

2. QUEBRA-CABEÇA

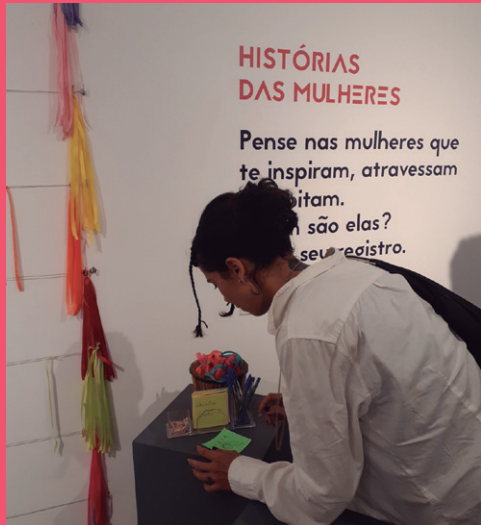
Dando continuidade aos quebra-cabeças (de fotografias das artistas) que elaboramos para a exposição virtual (pode ser acessado no e-book), as/os estudantes de Artes Visuais, integrantes da sessão do educativo da Gaeu, reconfiguraram os quebra-cabeças, os quais foram materializados por meio de desenhos digitais produzidos a partir da poética de cada uma/um e que estão disponíveis para a interação do público na sala do educativo da exposição.

Como possibilidades outras, assim como fizemos em nosso espaço, as/os próprias/os estudantes podem confeccionar seus quebra-cabeças a partir de suas poéticas, utilizando diferentes materiais e realizando diferentes cortes nas peças. Essa atividade lúdica pode ser realizada com crianças pequenas e bem pequenas, basta diminuir o número de peças do material.

Caso você queira imprimir os quebra-cabeças que foram feitos pela equipe educativa da Exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, basta acessar o QR code:




Material educativo produzido pelas/os estudantes de Artes Visuais
Fonte: Acervo da Galeria de Arte Espaço Universitário.



Sala educativa da exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, na Gaeu
Fonte: Material educativo (2023).



Mediação realizada com trabalhadoras da Ufes
Fonte: Acervo das autoras.

Desse modo, pensar em curadorias artísticas e educativas que tensionem temáticas contemporâneas como as questões de gênero dá a ver outros modos de pensar os museus/galerias a partir de uma abordagem crítica, interseccional, decolonial e sensível ao contexto social, político e histórico.

Durante as duas exposições Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, para além da mediação e das ações propostas pelas pessoas que compõem o Setor Educativo e experienciadas na Gaeu juntamente com o público que ali adentrava, objetivávamos que toda a produção feita reverberasse também nas escolas aonde as artistas mulheres e a arte pudessem levar formas de resistência e reexistência para todas e todos. Nessa busca de interconectar arte e educação, o Setor Educativo da Gaeu se faz rio para confluir com outros rios. Afinal, confluir é coexistir! Assim, seguimos...

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora: Piseagrama, 2023.

CARVALHO, Ananda. Curadoria geral: “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Galeria de Arte Espaço Universitário**. 2021. Disponível em: <https://galeria.ufes.br/curadoria-geral>. Acesso em: 21 jul. 2025.

GABRE, Solange. **Habitar o museu com criança pequena**: formação colaborativa como possibilidade. Curitiba: Appris, 2021.

GALERIA DE ARTE ESPAÇO UNIVERSITÁRIO. **[Vamos conversar sobre visibilidade?** Vitória], 24 jun. 2021. Instagram: @gaeu.ufes. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CQhIY_wj7a4/?img_index=1. Acesso em: 21 jul. 2025.

GÓES, Margarete Sacht. Exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Galeria de Arte Espaço Universitário. **Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**. 2023. Material educativo. Disponível em: <https://galeria.ufes.br/sites/>

galeriadearte.ufes.br/files/field/anexo/livro_material_educativo_2023.pdf.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.

GÓES, Margarete Sacht. Exposição “Mulheres Artistas no Acervo da Ufes”. *In*: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Galeria de Arte Espaço Universitário. **Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**: sobre mulher, historicidade e visibilidade no nosso acervo. [2021]. Material educativo. Disponível em: https://galeria.ufes.br/sites/galeriadearte.ufes.br/files/field/anexo/mulheres_artistas_e-book_0.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Galeria de Arte Espaço Universitário. **Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**. 2023. Material educativo. Disponível em: https://galeria.ufes.br/sites/galeriadearte.ufes.br/files/field/anexo/livro_material_educativo_2023.pdf.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Galeria de Arte Espaço Universitário. **Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**: sobre mulher, historicidade e visibilidade no nosso acervo. [2021]. Material educativo. Disponível em: https://galeria.ufes.br/sites/galeriadearte.ufes.br/files/field/anexo/mulheres_artistas_e-book_0.pdf. Acesso em: 21 jul. 2025.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.



**Possibilidade de mediação e
material educativo da/na exposição
Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**

Danielly Tintori Nascimento
Margarete Sacht Góes

DIÁLOGOS INICIAIS

Reafirmando a premência de pensar os materiais educativos e as diferentes possibilidades de mediação cultural nas exposições para/com todos os públicos visitantes, objetivamos com este texto analisar como o material educativo produzido para a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes (2023) e as mediações realizadas por meio dele com grupos escolares e não escolares reverberaram entre crianças, jovens e professoras/es.

A exposição ocorreu na Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), de 11 de abril a 7 de julho de 2023. Durante a mostra, utilizamos uma sala educativa e os dispositivos ali presentes para a realização das vivências e experiências analisadas.

A Gaeu, além do seu importante papel na cena artística capixaba, atua como promotora da popularização da arte dentro e fora da universidade e é responsável pela salvaguarda e preservação do acervo de artes visuais da Ufes. Ao longo dos anos, também se tornou um importante espaço voltado para a educação de artes no âmbito não formal, através do atendimento ao público visitante, dos programas de estágios

e bolsas para estudantes de artes e das ações desenvolvidas pelo seu setor voltado à educação.

Atualmente, o Setor Educativo conta com uma coordenadora, estagiários e bolsistas, estudantes dos cursos de artes da Ufes, voluntárias/os, uma arte educadora e uma curadora. Em 2019, a Gaeu iniciou uma parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (Gepaei), e alguns integrantes desse grupo passaram a atuar como voluntários, auxiliando nos processos de arte educação para o público escolar, da educação infantil até os cursos de graduação e pós-graduação, e não escolar, de idosos, de ONGs, de projetos sociais, de professoras/es etc. Ou seja, a cada exposição, o Setor Educativo se movimenta para pensar e estudar como acessar os diferentes públicos, escolar ou espontâneo, compreendendo as diferentes idades e vivências.

Perguntamo-nos assim se os equipamentos culturais estão preparados para receber os diferentes e diversos públicos em seus espaços. Perguntamo-nos ainda se os materiais educativos repetem o modelo de ensino vivenciado na escola ou se os dispositivos para ativar as obras são reconsiderados.

Para essa discussão, focamos dois grupos escolares que recebemos na galeria: uma turma

da educação infantil e uma do ensino médio. Também apresentamos a abordagem feita por uma professora com sua turma no espaço escolar a partir do material educativo que ela recebeu.

Nessa perspectiva, organizamos o texto em três partes. Na primeira, faremos a contextualização sobre os processos de elaboração dos materiais educativos e as estratégias de mediação na sala educativa da exposição. Na segunda, traremos a experiência de mediação com os dois grupos que visitaram a Gaeu e com o grupo que utilizou o material na escola. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

EXPOSIÇÃO MULHERES ARTISTAS NO ACERVO DA UFES (2023)

A exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes teve uma primeira edição *on-line* em 2021 e uma versão presencial no espaço expositivo da Gaeu em 2023¹. Destacamos nessa exposição a importância das mulheres artistas e de suas obras, abrindo diferentes questionamentos sobre as ausências presentes no acervo da galeria.

Diante da temática proposta pela exposição, surgiu um grande desafio para a equipe do Setor Educativo, pois refletir sobre a representatividade de gênero e as relações étnico-raciais com diferentes públicos não é fácil.

Esse espaço foi justamente o que Mulheres Artistas no Acervo da Ufes buscou criar, oferecendo visibilidade para vozes que frequentemente são ignoradas. Como exposições e obras de artistas mulheres são, comumente, marginalizadas, o Setor Educativo teve o compromisso de desenvolver mediações e materiais que subvertessem o silenciamento e transgredissem ideias dominantes. Então, ao pensar as proposições educativas para os diferentes públicos, apostando em um trabalho que acolhesse crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos que adentrariam os espaços da exposição, tivemos por objetivo:

[...] ativar memórias afetivas e acessar lugares por vezes esquecidos, sublimados, mas fundamentais para a constituição das identidades, subjetividades e valorização da mulher em todas as suas nuances...

¹ A exposição virtual Mulheres Artistas no Acervo da Ufes pode ser acessada pelo Instagram da galeria: (@gaeu.ufes). Os materiais educativos da exposição tanto virtual quanto presencial estão disponíveis no site: <https://galeria.ufes.br/material-educativo-3>.

Em busca dessa presencialidade, do contato humano e amoroso, esquadrimos, a partir dos gêneros textuais “carta”, “bilhete” e “cartão postal”, a materialidade, por meio da mão que escreve e desenha, o caminho possível para acessar memórias afetivas, na qual imagem e escrita criativa se entrelaçam, tangenciam, reconfiguram e retomam relações que necessitam da presença física do outro (Góes, 2023).

Uma vez que a exposição buscou “ativar memórias afetivas e acessar lugares por vezes esquecidos, sublimados, mas fundamentais para a constituição das identidades, subjetividades e valorização da mulher”, perguntamo-nos: por que há tanta dificuldade em trazer à tona tais discussões para os públicos nos espaços de arte? Por que, majoritariamente, as exposições são de artistas homens e brancos? Para responder a tais perguntas, a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes apresentou, por meio de uma curadoria artística sensível, artistas mulheres que transgridem o instituído e se colocaram à frente do próprio tempo com suas produções.

Em diálogo com a proposta de exposição, a equipe educativa da Gaeu, em parceria com o Gepaei, investiu no potencial de um atendimento

específico, singular para cada público, reconfigurando as mediações e propondo ações educativas e materiais que dialogassem com esses públicos a partir dos temas abordados.

AÇÕES EDUCATIVAS NA EXPOSIÇÃO MULHERES ARTISTAS NO ACERVO DA UFES

As ações educativas da exposição presencial de 2023 foram pensadas para dialogar com aquelas realizadas em 2021, quando foram abordadas as memórias afetivas das/os visitantes em relação a mulheres, mas não somente mulheres artistas, também aquelas importantes, que transpassassem e constituíssem as subjetividades e identidades do público que acessaria a exposição.

O Setor Educativo também propôs um espaço dentro da galeria para que ocorressem ações pedagógicas. Uma das salas da galeria foi separada para que as pessoas pudessem deixar um registro — fosse ele escrito, desenhado ou fotografado — das mulheres que haviam sido ou eram importantes em suas vidas, ou seja, a intenção é que se fizesse uma “cartografia afetiva”, na qual fossem exploradas “as histórias e lutas das mulheres — não somente artistas,

mas mulheres que marcaram e marcam suas vidas” (Góes, 2023):

Deixe que as/os estudantes/crianças falem sobre essas experiências singulares. Ouça o que dizem! Ausculta com o coração: amorosa e responsivamente! Após o diálogo, entregue cartões coloridos e peça que produzam uma “escrita afetiva” (bilhetes ou cartas) sobre essa/s mulher/es e, assim, conjuntamente, coletivamente, criem um espaço de visibilidade, reflexão, resistência, memórias e afetos (Góes, 2023).

Nessa perspectiva, o texto na parede da sala já provocava a/o visitante: “Histórias das mulheres. Pense nas mulheres que te inspiram, atravessam e habitam. Quem são elas?”. As/os visitantes então poderiam através das diferentes materialidades deixar ali um registro sobre mulheres que haviam sido/eram importantes em suas vidas, criando um espaço de memória e afetividade.

Por ser nossa primeira experiência em uma exposição do acervo, idealizada e montada pela equipe da galeria, a existência dessa sala, um espaço dedicado especialmente às ações educativas, se mostrou muito positiva. Ela foi um importante dispositivo para o atendimento ao público agendado e espontâneo.

Frequentemente, recebíamos pessoas que retornavam à sala educativa para deixar mais um registro, ou para verificar se suas escritas, desenhos e nomes ainda estavam visíveis, ou mesmo para montar os quebra-cabeças com os retratos das artistas que foram ilustrados pelas/os estagiárias/os da Gaeu. Assim, esse espaço se tornou um importante ponto de troca sobre as temáticas que atravessavam a exposição, pois o público se demorava ali, o que muitas vezes gerava mais interesse e conversas com mediadoras/es e com outras/os visitantes.

O material educativo desenvolvido para a exposição — inspirado em conceitos bakhtinianos como ausculta, amorosidade e responsividade (Bakhtin, 2010) — visava abrir diálogos e propor ações educativas acerca dos temas abordados na exposição para que as/os professoras/es trabalhassem nas escolas com suas turmas de modo afetivo.

Uma das proposições se deu a partir da exploração de diferentes gêneros textuais, nos quais se buscava um endereçamento para essas mulheres. O material foi disponibilizado para as/os professoras/es e continha um livreto com algumas propostas realizadas durante a mediação que poderiam ser trabalhadas na escola: uso de papéis e fitas para a realização da cartografia



Sala educativa e inscrição em sua parede

Fotografia: Ignez Capovilla/Acervo fotográfico da Gaeu.

Quebra-cabeça da sala educativa e material educativo da exposição

Fotografia: Ignez Capovilla/Acervo fotográfico da Gaeu e acervo das autoras.



afetiva, montagem de quebra-cabeças, de varal de memórias, escrita de cartões-postais e um jogo intitulado “Desafio: quem são elas?”, no qual o público podia discutir sobre as mulheres presentes nas mais diversas áreas da sociedade.

Esse material passou a ser um importante recurso, alinhando-se com o que Marandino *et al.* (2016, p. 6-7) afirmam sobre o papel dos materiais educativos:

[...] frutos de adaptações do conhecimento com vistas a possibilitar a compreensão das ideias complexas guardadas nas coleções, nos objetos e nas investigações realizadas [...]. Acreditamos que essas adaptações consideram também — e de diferentes formas — as especificidades dos públicos aos quais se endereçam.

Os materiais, pensados, confeccionados e distribuídos pela equipe do Educativo, totalizando mais de 100 *kits*, foram entregues a professoras/es da educação básica e superior, estudantes dos cursos de artes, pessoas que trabalham em projetos sociais e outras/os. Essa distribuição do material para diferentes segmentos de interessadas/os ampliou o alcance da exposição, permitindo que as temáticas fossem trabalhadas de forma crítica e reflexiva em outros espaços que não fossem o espaço expositivo da Gaeu.

O recurso educativo atendeu tanto aquelas/es docentes que levaram suas/seus estudantes à exposição e à sala educativa quanto aquelas/es que desejavam trabalhar sobre a temática, mas não conseguiram ou não puderam levar suas turmas.

O EDUCATIVO: MEDIAÇÃO CULTURAL E ATIVAÇÃO DE OBRAS

O Educativo da galeria tem por finalidade mediar e ativar as obras das exposições e, neste momento, apresentamos as estratégias de mediação e os materiais que foram utilizados a partir das experiências vivenciadas com dois grupos distintos. O primeiro grupo era uma turma de educação infantil (EI), de crianças com idades de 3 a 4 anos; o segundo, uma turma de garotas adolescentes de uma disciplina eletiva sobre feminismo de uma escola pública.

A turma de educação infantil que recebemos para a visita mediada já havia visitado a galeria no ano anterior durante a mostra Preza!, uma exposição de grafite cujas obras foram feitas nas próprias paredes, ou seja, a expografia da galeria estava muito diferente na segunda visita, pois tínhamos então, no espaço expositivo, obras mais “tradicionais”.

Inicialmente, abordamos a memória afetiva que as crianças tinham da exposição Preza!. Muitas lembraram como estava a galeria naquela exposição, principalmente alguns elementos das obras. Chamamos a atenção delas fazendo com que observassem que a exposição atual era diferente da que tinham visto antes, porque além de não haver grafite nas paredes, a exposição trazia obras só de artistas mulheres. Nesse momento, surgiu a pergunta de um menino. Segue o excerto da conversa:

Arthur² : Tia, então os meninos não vão poder entrar?

Mediadora: Essa é uma exposição que só artistas que são mulheres fizeram as obras, mas todo mundo pode entrar pra ver, não só as mulheres. Nem sempre as mulheres que são artistas conseguem mostrar seus trabalhos nas exposições de arte. Muitas vezes só os homens fazem isso. Vocês acham que as mulheres artistas são importantes?

Grupo de Ei: Sim!

Mediadora: Isso mesmo! Já que as mulheres artistas são importantes, a gente colocou as obras delas na Gaeu pra todo mundo ver.

O diálogo citado evidenciava que, nessa exposição, era possível surgirem questionamentos acerca de gênero. Por meio da mediação, no entanto, tais temas poderiam ser tratados de maneira cuidadosa e reflexiva, uma vez que a mediação precisa “[...] ser provocativa, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e à imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor” (Martins; Picosque, 2012, p. 29).

A pergunta de Arthur foi, portanto, fundamental para que as mediadoras pudessem refletir sobre o lugar das mulheres na sociedade, iniciando assim um diálogo com as crianças sobre as temáticas que atravessavam a exposição.

A mediação continuou enquanto nos movimentávamos entre as obras, e, em alguns momentos, diante das obras pelas quais as crianças demonstravam maior interesse, parávamos para comentar alguns pontos, falar sobre a obra, a artista, entre outras informações pertinentes para ampliar o repertório da turma.

Fomos acrescentando camadas de informações e refletindo sobre as obras a partir das narrativas das crianças. Depois de termos visto todas as obras e dialogado sobre

algumas, fomos para a sala educativa realizar as propostas. Explicamos que escolhemos para a exposição obras de artistas mulheres que eram importantes e que naquela sala conversaríamos com as crianças sobre quais mulheres eram importantes para elas, por isso gostaríamos muito de ouvi-las falar sobre essas mulheres:

Mediadora: Que mulher que você conhece que é importante pra você?

Beatriz: Minha mãe é importante pra mim.

Miguel: Eu vou escrever minha mãe.

Arthur: Minha tia!

Caio: Já sei, Camila Valadão é importante!

[Camila é atualmente deputada estadual do Espírito Santo].

Explicamos então que podiam pegar papel para escrever sobre uma mulher importante para elas e desenhá-la, o que gerou muitas narrativas, pois todas as crianças tinham muitas histórias para contar. Após desenharem suas mulheres, fomos ajudando na expografia de seus desenhos-escritas.

O desenho é uma atividade corriqueira nas escolas de educação infantil, entretanto, para essa proposição, o intuito estava para além do registro gráfico feito sem um endereçamento,

sem interlocução. Objetivávamos, sim, estabelecer um diálogo com as crianças, buscando ouvi-las, auscultá-las, dialogar com elas enquanto produziam seus desenhos. Talvez esse tenha sido o grande diferencial em relação aos momentos nos quais as crianças desenham nas escolas, quando, muitas vezes: precisam produzir o que o/a professor/a solicita, e não aquilo que querem; em silêncio, e não em diálogo com as/os colegas; com a finalidade de preencher uma pasta de atividades, e não um varal no qual a produção poderá ser apreciada por outras pessoas.

Algumas crianças optaram por fazer mais desenhos, com o intuito de levá-los para casa, outras foram atraídas pelos quebra-cabeças que estavam dispostos sobre uma mesa baixa, totalmente acessível para elas.

Nesse instante, as mediadoras, demonstrando estarem acessíveis para auscultar as crianças e dialogar com elas, se dividiram entre os dois grupos permitindo que os diálogos continuassem ocorrendo com as crianças envolvidas tanto na atividade do desenho quanto na montagem dos quebra-cabeças, pois as crianças continuavam a perguntar sobre as artistas e recorriam pedindo ajuda na montagem do jogo-brinquedo.

A segunda experiência ocorreu com uma turma de ensino médio que era composta somente por garotas, de uma disciplina cujo objetivo visava abordar o feminismo. Essa visita mediada foi agendada pela professora para que as estudantes pudessem compreender a importância das mulheres artistas e as temáticas que a exposição abordava. No grupo, havia 12 estudantes, com idades entre 13 e 15 anos. Elas estudavam em uma escola pública da cidade que estava em um contexto periférico, e a maioria delas era negra.

A mediação se iniciou com discussões sobre as obras e as artistas. As estudantes, a professora e as mediadoras foram adentrando nas histórias das obras e nos conceitos por trás da exposição. Muitos diálogos surgiram nos momentos de troca com as mediadoras.

No segundo momento, quando passamos para o espaço educativo, as estudantes foram convidadas a participar da proposta disponível na sala e elaboraram escritas e desenhos sobre as mulheres importantes de sua vida. Como estratégia de mediação para gerar mais diálogos com essa turma de jovens, propusemos a utilização do jogo “Desafio: quem são elas?”, para que o grupo pudesse discutir sobre mulheres que eram destaque nas diferentes áreas da sociedade.

Fizemos uma roda de cadeiras com as estudantes. As cartas do jogo traziam perguntas como: “Você conhece alguma mulher artista trans?”; “Você se lembra de alguma mulher escritora? Cite o nome dela e o nome do livro.”; “Você conhece algum lugar (rua, bairro, cidade...) que tem nome de mulher?”; entre muitas outras perguntas. As questões foram gerando diálogos com as estudantes, durante os quais elas apresentaram tensionamentos, dúvidas e reflexões sobre o papel da mulher na arte, na família, na comunidade onde moravam, na sociedade etc.

Essa conversa produziu noções de pertencimento nas estudantes, uma vez que a disciplina eletiva ofertada pela professora e os diálogos que tiveram na Gaeu contribuíram para ampliar seus repertórios acerca da importância da mulher e delas mesmas como jovens mulheres negras. bell hooks, em seu livro *E eu não sou uma mulher?*, traz suas próprias experiências em participar de cursos sobre mulheres e em como isso influenciou sua relação com a temática e com ela mesma: “Antes de exigir que os outros me ouvissem, precisei ouvir a mim mesma, para descobrir minha identidade. Fazer cursos em Estudos de Mulheres me mostrou as expectativas da sociedade em relação às mulheres” (hooks, 2019, p. 10).



Crianças no espaço educativo realizando suas produções, varal de desenhos-escritas e montagem de quebra-cabeças, estudantes jogando o jogo “Desafio: quem são elas?”
Fonte: Acervo das autoras e da Gaeu.



Construção de cartografia afetiva em uma escola
Fonte: Fotos disponibilizadas pela professora.

Mediar em espaços expositivos é sempre um desafio, pois nunca sabemos o perfil do público que receberemos, entretanto também compreendemos que uma professora se propor a mediar a partir de materiais educativos que recebeu nas exposições é bastante desafiador. Nesse sentido, relataremos a reverberação do material educativo produzido para a exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes em atividades mediadas por uma professora com turmas dos anos finais do ensino fundamental no espaço escolar.

Essa professora, docente de Arte, havia visitado a exposição e retirado o material educativo, mas não conseguiu levar a turma à galeria. Assim, utilizou o material que recebeu como dispositivo em uma de suas aulas com a turma.

O material foi adaptado pela professora e pela turma para se adequar ao que estavam estudando durante a aula. Juntas/os puderam construir uma cartografia afetiva inspirada na que tínhamos proposto e criado em nosso espaço educativo dentro da exposição.

Os materiais educativos desenvolvidos para as exposições são muito importantes para a Gaeu, pois permitem expandir a experiência

expositiva e do seu Setor Educativo para além do espaço físico da galeria. Também criam, desse modo, possibilidades outras de utilização e adaptação, assim como essa professora e essas/es estudantes fizeram. Embora concebidos para oferecer subsídio ao/à professor/a, as propostas são baseadas na flexibilidade e na adaptação, permitindo ajustes conforme a realidade escolar, tornando-se assim dispositivos dinâmicos para um melhor aproveitamento com as turmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um movimento cíclico, finalizamos essas reflexões retornando ao nosso objetivo inicial, que foi analisar o material educativo produzido para a exposição presencial Mulheres Artistas no Acervo da Ufes e as mediações realizadas por meio dele com turmas escolares e não escolares. Reiteramos, após refletir sobre os diferentes públicos e espaços em que esse material reverberou, que ele cumpre aquilo que *a priori* sustenta a posição do Setor Educativo de uma galeria: tornar a arte democraticamente acessível a todas e todos.

A vivência com o material, tanto na sala educativa quanto no espaço escolar, foi essencial para

transpor os sentidos propostos pela exposição para outros contextos de ensino e aprendizagem em arte. Sua utilização com a turma de educação infantil e com as estudantes do ensino médio gerou diálogos diversos e diferentes modos de aproximação com as obras e com a temática central da exposição, reiterando nossa compreensão de que ele precisa atender aos diversos segmentos da educação básica, bem como o público em geral. Ademais, a experiência realizada na escola com estudantes do ensino fundamental evidenciou o potencial dos materiais educativos como dispositivos adaptáveis, que podem ser apropriados e transformados por professoras/es em sua práxis pedagógica, configurando-se então como uma possibilidade, entre tantas outras, de ensinar arte de modo criativo, lúdico e intencional.

Dessa maneira, reafirmamos a importância de pensar os materiais educativos não apenas como complementos da exposição, mas como dispositivos pedagógicos que atravessam espaços, tempos e sujeitos. Que sigamos investindo na criação de experiências educativas que acolham a pluralidade dos públicos (escolares ou não) e que contribuam para a construção de práticas educativas mais sensíveis, dentro e fora do espaço expositivo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GÓES, Margarete Sacht. **Mulheres Artistas no Acervo da Ufes**: material educativo. Vitória: Gaeu, 2023. Disponível em: <https://galeria.ufes.br/material-educativo-3>. Acesso em: 7 ago. 2023.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MARANDINO, Martha *et al.* **A educação em museus e os materiais educativos**. São Paulo: Feusp, 2016. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/233. Acesso em: 16 mar. 2025.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos da cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

Sobre as autoras

Ananda Carvalho é curadora, professora adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), doutora e mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (bolsa CNPq), com pós-doutorado em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua área de pesquisa concentra-se na arte contemporânea com ênfase em curadoria, histórias e processos de criação de exposições. É coordenadora da Plataforma de Curadoria (que agrega atividades de extensão e pesquisa realizadas na Ufes), atuou como coordenadora da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes) e da Galeria de Arte e Pesquisa (GAP/Ufes). Realiza curadorias contempladas em editais, convidada por instituições, galerias comerciais e espaços independentes. É autora do livro *Redes curatoriais: exposições e arte contemporânea*, publicado pela Edufes.

Danielly Tintori é mestra em Educação, bacharela em Artes Plásticas e graduanda em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Atua como arte-educadora na Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes), como assessora do Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil (ProLEEI/MEC) e como docente no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), polo Ufes. Suas pesquisas concentram-se em mediação cultural, educativos em museus e galerias de arte, atendimento de públicos escolares, formação docente e educação para as infâncias. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (Gepaei/Ufes) e a Plataforma de Curadoria (CNPq/Ufes). Também atua como arte-educadora em instituições culturais do estado do Espírito Santo, em projetos contemplados por editais públicos. É autora do livro *Infâncias, arte e educação: caminhos dialógicos entre formação docente e mediação cultural nos equipamentos culturais*.

Margarete Sacht Góes é doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) na linha de pesquisa Educação e Linguagens. Pesquisa temas como: linguagens; culturas infantis; decolonialidade, arte e infâncias; ensino da arte; arte contemporânea com/para crianças; material educativo; mediação cultural na/para a educação infantil; formação de professoras/es. Participa de duas redes de pesquisa internacionais: a Rede + Arte na Pedagogia, fruto de um acordo de cooperação técnica entre 23 universidades da América Latina, executada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; e a Rede Internacional de Cooperação e Pesquisa em Educação Estética, um acordo de cooperação internacional entre a Universidade de Módena e Reggio Emilia (Unimore), da Itália, e oito universidades brasileiras, executado pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e pela Unimore. É professora adjunta na Ufes, na graduação e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (Gepaei) e tutora do Programa de Educação Tutorial PET Conexões de Saberes Educação. Atua como curadora do Educativo da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes).

Ludiane Reinholz é mestranda em Arte e Cultura no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduada em Artes Plásticas pela Ufes. Atua como produtora no Museu Vale. Atuou como produtora na Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes) e na galeria Matias Brotas Arte Contemporânea. Pesquisa áreas relacionadas a curadoria, história da arte, exposições, espaços expositivos e arte contemporânea, com ênfase em crítica e sistema da arte.

Kênia Tinelli é mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), na linha de pesquisa Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas. Especialista em Educação Básica Integrada à Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Licenciada em Letras Português/Inglês (Faculdades Integradas Castelo Branco) e Pedagogia (Claretiano – Centro Universitário). Servidora pública federal, atuando no Setor Educativo da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu/Ufes). Tem interesse nas áreas de arte educação, mediação cultural e produção de material educativo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	EXPOSIÇÃO Mulheres Artistas no Acervo da Ufes		
Reitor: Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro	Artistas: Andréa Abreu, Charlene Bicalho, Denise Pimenta, Elisa Queiroz, Fayga Ostrower, Juliana Morgado, Lara Felipe, Lygia Pape, Mara Perpétua, Márcia Capovilla, Marta Baião, Nelma Guimarães, Nelma Pezzin, Rosana Paste, Simone Guimarães, Tatiana Rosa, Thais Apolinário, Thais Graciotti, Tomie Ohtake	Design: Ana Paula Gusmão, Milena Espinoza Murtua	Disciplina: Estágio Supervisionado II – Letras Libras Bacharelado em Tradução e Interpretação Professoras: Jeff Jeffa Moreira Santana e Daniela Gomes Gumiero Estudantes: Jéssica Corrêa Augusto, Maria Eduarda Pimenta de Oliveira, Renata Silva dos Santos, Veruska A. V. Monteiro
Vice-Reitora: Sonia Lopes Victor		Pesquisa Linha do Tempo: Milena Espinoza Murtua, Stéfany Pereira da Silva	
Secretário de Cultura: Rogério Borges		Textos Histórias das Exposições: Danielly Tintori, Jessica Dalcolmo, Larissa Megre, Lília Pessanha, Lindomberto Ferreira Alves, Ludiane Reinholz, Michele Medina, Phoebe Degobi	Setor de Tradução e Interpretação em Libras: Elizabeth Reis, Joyce Karolina (Intérpretes)
Curadoria Educativa: Margarete Sacht Góes	Curadoria: Ananda Carvalho	Coordenação de Montagem: Angélica Reckel	
Educativo: Kênia Tinelli	Curadoria Educativa: Margarete Sacht Góes	Edição de Áudio: Alex Andrade	Apoio: Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (Gepaei) Plataforma de Curadoria Lab.audio – Centro de Artes/Ufes: Robert Silva de Souza
Educativo e mediação: Aline Amaral, Bianca Ribeiro, Ester Matos, Kamilla Tomaz	Estratégias de Mediação e Material Educativo: Margarete Sacht Góes, Kênia Tinelli, Danielly Tintori, Daysa Falqueto, Flávia Souza, Guilherme Brasil, Karen Nascimento, Fernanda Sabine, Maria Luíza Galacha, Milena Espinoza Murtua, Thalia Silva Decarli	Revisão de Texto: Pedro Alves	
Museologia: Pedro Ibsen Aragão	Administrativo: Lucas Martins	Apoio à Produção: Ludiane Reinholz	Agradecimentos: A todas as mulheres que fazem parte da história da Gaeu
Preservação e Conservação de Obras: Angélica Reckel, Larissa Azevedo (bolsista)	Assistência de Curadoria: Karen Nascimento	Molduras: Vitória Fine Art e Acervo da Ufes	
Administrativo: Juliana Fabre	Assistência de Curadoria Educativa: Danielly Tintori	Comunicação Visual: Art Clamur	
	Produção Cultural e Identidade Visual: Ana Paula Gusmão	Pintura da Galeria: RL Pintura	
		Parcerias Estágio Obrigatório Disciplina: Estágio Curricular Supervisionado do Ensino de Artes Visuais Professora: Adriana Magro Estudantes: Gabriel de Jesus Leite, Yasmin Martins Alves, Milena Almeida	



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Organização: Ananda Carvalho, Danielly Tintori

Textos: Ananda Carvalho, Danielly Tintori, Kênia Tinelli, Margarete Sacht Góes

Edição de textos sobre as artistas: Ludiane Reinholz

Design gráfico: Gisele Brito

Fotografia: Ignez Capovilla

Revisão de texto: George Vianna e Jussara Rodrigues (Edufes)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora Universitária – Edufes, ES, Brasil)

M954 Mulheres artistas no acervo da Ufes [recurso eletrônico]/
Ananda Carvalho, Danielly Tintori (orgs.). - Dados
eletrônicos. - Vitória, ES: Edufes, 2026.
138 p. : il. ; PDF, 39 MB. - (Série Cultura Ufes; 7)

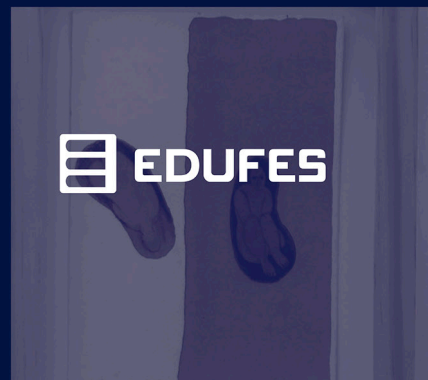
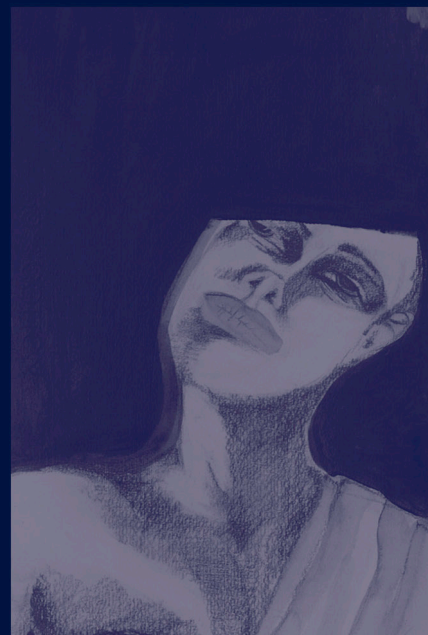
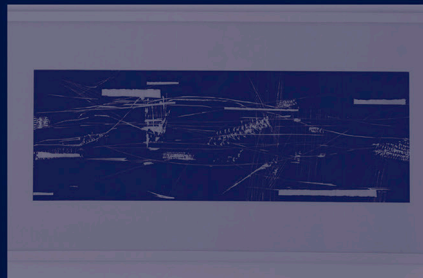
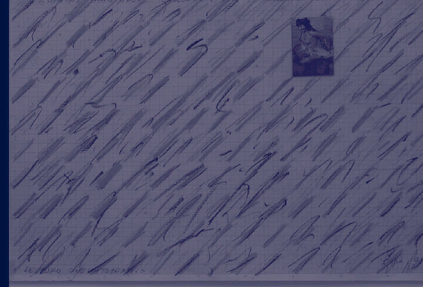
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-674-5
Também publicado em formato impresso.
Modo de acesso: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Arte moderna. 2. Mulheres artistas. 3. Curadoria. I.
Carvalho, Ananda. II. Tintori, Danielly. III. Série.

CDU: 7

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

Esta obra foi composta com as famílias tipográficas Inter e Jaapokki.



GEPAE
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**PLATAFORMA
DE CURADORIA**

EL
espaço universitário
secretaria de cultura da ufes

SECULT UFS
Secretaria de Cultura

EDUFES